



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica e Cultura
Programa de Pós-Graduação
Dissertação de Mestrado

**Pulsão, modos verbais e os tempos vividos por Aliócha
Karamazov**
Rodrigo Pereira da Silva

Brasília
2014

Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura
Dissertação de Mestrado

Pulsão, modos verbais e os tempos vividos por Aliôcha Karamazov

Rodrigo Pereira da Silva

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília como requisito à obtenção de grau de Mestre em Psicologia. Sob orientação do Prof. Doutor Francisco Moacir de Melo Catunda Martins

Brasília

2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. **Francisco Moacir de Melo Catunda Martins**
(UNB- Presidente da Banca)

Prof. Dr. **Adriano Holanda**
(UFPR –Membro Externo da Banca)

Prof. Dr. **Juan Adolfo Brandt**
(IESB –Membro da Banca)

Prof. Dr. **Marcelo Duarte Porto**
(UEG – Membro Suplente)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Fonte de Luz, Amor e Sabedoria que guia a minha vida bem como aos senhores de luz e mensageiros que executam sua lei. Aos meus pais, irmã e familiares meu sincero agradecimento pelo apoio e pelo amor que me motiva a dar sempre um passo a mais. Aproveito para agradecer a todos, pelas críticas, conselhos e palavras cujos significados continuam a ecoar em meu coração e que, talvez, apenas no fim da caminhada possa entender seus ensinamentos.

RESUMO

A presente dissertação trata da relação entre a pulsão e a linguagem. Dar-se-á ênfase à forma como os componentes pulsionais são representados linguisticamente pelos modos verbais. O primeiro capítulo da dissertação é composto por uma revisão teórica que abrange a delimitação nocional do conceito de pulsão por Freud. No segundo capítulo será explorada a afirmativa freudiana de que a particularidade da pulsão nos humanos é que estas se ligam a significações ordenadas pela linguagem. O pressuposto linguístico de que o fator que ordena a sintaxe é o significado também é considerado. Nesse contexto, a significação se configura como uma ponte que conecta a vivência corporal pulsional ao sistema de língua. Correlações são feitas com a teoria linguística desenvolvida por Gustave Guillaume. Para este, a língua se constitui em um potencial na mente que pode ser atualizado pela fala nos momentos de autoexpressão. Ele ressalta a temporalização inerente aos atos de atualização linguística na mente dos falantes. Tal concepção operativa da língua levou-o a esquematizar a forma como a noção de tempo se constitui na mente dos falantes. Processo que foi por ele denominado cronogênese e que se constitui em três momentos. O primeiro caracterizado pela posse das significações que serão atualizadas. O segundo marca o transcorrer do processo de atualização. O terceiro tempo caracteriza-se pela conclusão do ato de atualização. Com o avanço de seus estudos acerca da temporalidade no sistema sintático o linguista foi levado a afirmar que ao verbo cabe a função de representar a vivência temporal dos falantes. Essa constatação o levou a correlacionar os tempos cronotéticos com os modos verbais. A fim de alcançarmos nosso objetivo utilizar-nos-emos da forma com que Aliócha vivencia o tempo. A primeira forma expressa-se na “condição de ser um Karamazov”. Condição em que se vê pervadido pelo afluxo pulsional. A segunda forma concerne às conjecturas acerca de seu devir. E por último, o impacto causado em sua pessoa pela interação com Zósima. O processo de atualização linguístico, evidenciado pelo processo de cronogênese é o símile, no sistema de fala, do processo de atualização dos potenciais pulsionais em atos motores e atos mentais. Com base nisso infere-se que a vivência expressa pelo uso cotidiano dos verbos no modo quase-nominal evidenciam os componentes pulsionais fonte e pressão. Por sua vez o modo subjuntivo faz emergir o componente pulsional meta e, por fim, no modo indicativo o papel desempenhado pelo objeto é posto em evidência.

Palavras-chave: Pulsão, Linguagem, Irmãos Karamazov

ABSTRACT

This work discusses the relation between drive and language. We will study how the drive components are represented by the verbal modes. The first chapter of the dissertation consists of a literature review covering the notional boundary of Freud's concept of drive. In the second chapter will be explored Freud's assertion that the peculiarity of instinct in humans is that they bind to meanings sorted by language. The linguistic assumption that the factor ordering the syntax is the meaning is also considered. In this context, the meaning is configured as a bridge that connects the drive body experience to language system. Correlations are made with the linguistic theory developed by Gustave Guillaume. For this, the language constitutes a potential in mind that it can be updated by speech in moments of self-expression. He stresses the temporality inherent to acts of linguistic update in the minds of speakers. Such operative conception of language led him to lay out how the notion of time is constituted in the minds of speakers. Process that was named for him chronogenesis and which constitutes three times. The first characterized by the possession of the meanings will be updated. The second marks the course of the upgrade process. The third period is characterized by the completion of the act of updating. With the advancement of his studies of temporality in the syntactic system linguist was led to say that the verb's role is to represent the temporal experience of the speakers. This finding led him to correlate the chronotetics times with verbal modes. In order to reach our goal we will use the way that Alyosha experiences the time. The first form is expressed in "condition of being a Karamazov". Condition that is seen traversed by instinctual influx. The second way concerns the conjecture about its future. Finally, the impact on your person by interacting with Zosima. The process of updating language, evidenced by the chronogenesis process is the simile in the speech system, the upgrade potential of instinctual in motor acts and mental acts process. Based on this it is inferred that the experience expressed by the daily use of verbs in the nominal mode highlight the instinctual components source and pressure. The subjunctive mode brings out the instinctual component goal and, finally, in the indicative mood the role played by the object is put in evidence.

Key-words: Instinct, Language, Karamazov Brothers

SUMÁRIO

Banca Examinadora	3
Agradecimentos	4
Resumo	5
Abstract	6
Introdução	8
CAPÍTULO 1 - O CONCEITO DE PULSÃO	11
1.1 A diferença entre instinto e pulsão.	11
1.2 A delimitação do conceito de Pulsão.....	20
CAPÍTULO 2 - SISTEMA DO VERBO COMO REPRESENTANTE PULSIONAL	32
2.1 Introdução	32
2.2 Sistema de língua na mente	33
2.3 Significação, a ponte entre linguística e psicanálise.....	43
CAPÍTULO 3 - OS MODOS VERBAIS E A VIVÊNCIA TEMPORAL DE ALIÓCHA	63
3.1 Modos verbais e o aspecto energético da pulsão	63
3.2 A Condição de ser um Karamazov e o Modo Quase Nominal.....	63
3.3 A fantasia de um Ideal e o modo fictivo hipotético.....	69
3.4 Relação transferencial e o modo indicativo.....	73
Considerações Finais	78
Referências Citadas	82
Referências Consultadas	86

INTRODUÇÃO

A presente dissertação trata da relação entre pulsão e linguagem. Teremos como foco a maneira com que cada um dos componentes pulsionais, fonte, pressão, meta e objeto se relacionam com os modos verbais, quase nominal, subjuntivo e indicativo. A fim de alcançar este objetivo utilizar-nos-emos da teoria psicossistemática desenvolvida pelo linguista Gustave Guillaume. Por fim, faremos uso do caminho páthico evidenciado pelo personagem Aliócha Karamazov, pertencente à obra “Os Irmãos Karamazov” de Dostoievski, no intuito de correlacionar as vivências do tempo representadas pelos diferentes modos verbais com a percepção do Eu que é acometido pelo afluxo pulsional.

O correlato na língua germânica para os vocábulos latinos pulsão e instinto é o termo *Trieb*. Seu uso inerva-se na cultura teutônica, fazendo-se presente tanto no discurso doxático como epistêmico. Dessa forma o campo semântico abrangido pelo vocábulo inclui atividades como tanger o gado; a força orgânica que faz com que o caule das plantas brotem, sentido que nos remete à imagem de força vital dos seres vivos em geral. Na literatura e poesia, aparece em conexão com o amor e a sensualidade, bem como em expressões tais quais impulso assassino, ou instinto de sobrevivência. Como veremos no primeiro capítulo, o termo também foi utilizado de maneira massiva na filosofia, inclusive por pensadores que possuíam cosmovisões antagônicas, como por exemplo, Shopenhauer e Nietzsche.

Apesar da variedade dos contextos em que é aplicado o termo tem como núcleo semântico o sentido de uma força que impele ou instiga. Ao lidar com esse significado essencial Freud se utiliza de uma metáfora médica afirmando que a pulsão se caracteriza como um estímulo endógeno e constante que exige satisfação. Afirma ainda que a pulsão emerge na consciência por meio de uma representação, de um afeto ou da apresentação simultânea de ambos. Sendo que o diferencial da pulsão nos humanos é que esta se articula a significações ordenadas pela linguagem.

Como veremos no primeiro capítulo a inovação freudiana consistiu em teorizar acerca da pulsão em um contexto psicodinâmico, no qual os aspectos representativos e energéticos da pulsão são configurados e reconfigurados constantemente pelos atos que buscam a satisfação. Neste capítulo faremos uma revisão do esforço freudiano em delimitar um conceito tão escorregadio, que se situa entre o soma e o que é representado.

No segundo capítulo veremos como a noção de tempo se articula com o funcionamento pulsional. Partimos do pressuposto de que a vivência do tempo é indissociável do trabalho pulsional. Ou seja, a sequência de atos que vão desde o carregamento energético, eliciados pelos componentes pulsionais fonte e pressão, e a subsequente descarga direcionada pela meta e viabilizada pelo objeto compõem na mente a experiência do passar do tempo. Aristóteles defende que no sistema sintático o verbo é o responsável por representar a vivência do tempo. Nesse contexto, cabem as perguntas: Como a dinâmica pulsional se relaciona com o sistema de fala? É possível afirmar que o verbo é o representante da pulsão no sistema de fala?

Buscaremos responder a essas perguntas por meio da teoria dos modos verbais desenvolvida pelo linguista Gustave Guillaume. Para este, o fator que permite afirmar que a língua se configura em um sistema abstrato e ordenado é o significado. Dessa forma, o ponto chave que ordena as palavras em uma frase é o significado que o falante almeja expressar e não o signo linguístico. Seu pensamento se diferencia de seus antecessores por conceber a língua como um potencial na mente do falante e que é atualizado quando este almeja expressar suas vivências de ipseidade e alteridade.

Inerente à concepção de um potencial que se atualiza está a noção de temporalização na mente. Como decorrência de seus estudos ele discriminou a forma com que a imagem do tempo é gerada na mente humana. Processo denominado cronogênese, o qual é composto por três etapas. O primeiro, caracterizado pela posse das significações que serão atualizadas, chama-se tempo *in posse*. O segundo, tempo *in fieri*, marca o transcorrer do processo de atualização. O terceiro e último tempo é cognominado tempo *in esse* e caracteriza-se pela conclusão do ato de atualização e a apresentação de um enunciado ordenado segundo as regras sintáticas. O processo de cronogênese tem como característica principal o fato de ser um processo virtual que subjaz à enunciação de proferimentos e que encontra seu correspondente sintático no sistema do verbo.

Ainda no segundo capítulo veremos como os momentos da cronogênese se articulam com o subsistema dos modos verbais. Adiantamos que ao tempo *in posse* corresponde o modo quase nominal, o qual abrange as formas infinitivo, particípio passado e particípio presente. Ao tempo *in fieri* corresponde o modo subjuntivo, cognominado modo fictivo hipotético. E, ao tempo *in esse* corresponde o modo indicativo. Cabe a cada um destes modos verbais uma representação distinta da vivência temporal.

Por exemplo, o modo quase nominal representa a vivência cotidiana dos fatos e eventos vindo de encontro ao falante. A experiência dos atos internos e externos se apresentando ao falante independentemente de seu querer. O modo subjuntivo por sua vez tem como particularidade o fato de representar pela primeira vez o pronome pessoal “eu”. Este modo traz a vivência do Eu conjecturando acerca dos atos que lhe podem ocorrer. Em outras palavras, representa o levantamento de hipóteses e cenários nos quais existe a possibilidade de ocorrência dos atos que impactarão no devir do Eu. Por sua vez o modo indicativo marca um acréscimo no nível de certeza quando comparado ao modo subjuntivo. Haja vista que um trata das possibilidades enquanto que o outro trata do que foi atualizado como um ato no presente. Dessa maneira, o passado e o futuro são definidos ou prospectados com base no que se apresentou como um ato completo. Dessa forma, marca a constatação da ocorrência dos atos por meio dos sentidos.

Nesse contexto o terceiro capítulo vem como um complemento que tem como objetivo responder a duas perguntas: Se os modos verbais representam três etapas da vivência do Eu diante de um potencial que se atualiza é possível afirmar que essas etapas também representam a descarga pulsional? Caso afirmativo, é coerente afirmar que cada um desses eixos cronotéticos evidenciam uma nuance do funcionamento pulsional, ou seja, conferem destaque a um componente pulsional?

Com a finalidade de encontrar as respostas para esses questionamentos buscaremos auxílio na arte. Mais especificamente nas reflexões de Aliócha Karamazov acerca do que significa carregar o próprio sobrenome e sobre quais caminhos ele teria condição de trilhar a própria vida. Para ele, os Karamazov possuem uma força telúrica que se apresenta em suas mentes de forma violenta e brutal. Algo que os impele, aparentemente à revelia de seu Eu e da própria divindade, ao exagero dos atos. Tomaremos como ponto de apoio as hipóteses levantadas por ele acerca das implicações dessa constituição para o seu devir como um homem santo, tal como exemplificado pelo *stáriets* Zósima.

CAPÍTULO 1 - O CONCEITO DE PULSÃO

1.1 A diferença entre instinto e pulsão.

O termo utilizado por Freud na língua germânica, para o correlato latino pulsão, é *Trieb*. Este recobre um amplo campo semântico de utilização. Incluindo a atividade de tanger o gado; a força orgânica que faz o caule das plantas brotarem, sentido que nos remete à imagem de força dos seres vivos em geral. Na literatura e poesia, aparece em conexão com o amor e a sensualidade, bem como em expressões tais como impulso assassino, ou ânsia de sobreviver. O termo também foi utilizado de maneira massiva na filosofia. Para citarmos dois exemplos tomemos a forma composta *Triebfedern* proveniente da obra de Schopenhauer e os impulsos (*Trieb*) dionisíaco e apolíneo de Nietzsche.

Schopenhauer defendia que todas as ações humanas decorriam de uma quantidade suficiente de motivação ou incentivo (*Triebfedern*) e que todas as ações visavam de alguma forma o bem estar ou angústia de um ser. Assim, ele propunha que todas as motivações decorriam do bem estar ou angústia de alguém, seja do próprio agente ou de outra pessoa. Nessa direção este filósofo discriminou quatro incentivos básicos para as ações, os quais poderiam ser combinados entre si. Egoísmo, o desejo pelo próprio bem estar. Malícia, o desejo pela angústia do outro. Compaixão, o desejo pelo bem estar de outra pessoa. E um incentivo inominado, o desejo pela própria angústia. (CARTWRIGHT, 2005, p. 87)

Para Nietzsche (2007, p. 13) a vida se configura num palco em que dois impulsos se digladiam: o apolíneo e o dionisíaco. No intuito de explicar no que consistem estes dois impulsos (*Trieb*) o filósofo faz uso da arte. Ao impulso apolíneo ele correlaciona as artes plásticas e o sonho. A proximidade de ambos deve-se ao caráter harmonioso das formas expressas por ambos. Ele retoma o sonho dos artistas com suas musas e as tradicionais histórias mitológicas em que os deuses se apresentam aos mortais por meio dos sonhos. Neste ambiente onírico o equilíbrio e a exatidão das proporções se apresentam, levando o sonhador que tenha veia poética a conjecturar acerca da existência de outro mundo.

Ao impulso dionisíaco corresponde a arte musical. Principalmente o ditirambo, o qual se caracteriza pelas batidas fortes e pelo ritmo que leva ao êxtase. O filósofo defende o papel da música nas festas dionisíacas. Estas marcadas pela licenciosidade sexual e pela inversão de papéis sociais. Dá exemplo do modelo de festa em que um escravo era tratado como rei. Após

ter todos os seus pedidos atendidos era morto por seus “súditos”. O êxtase experimentado durante as festas levava à transcendência dos limites das regras sociais, bem como dos limites do corpo. Era um gozo amorfo, que vagamente podia ser explicado pela linguagem.

Cabe ressaltar que na obra “O Nascimento da Tragédia”, em que Nietzsche delimita os dois tipos de impulso, o pensador se contrapõe à interpretação e significação morais da existência. Segundo o filósofo seu livro prenuncia um pessimismo “além do bem e do mal” previamente criticado por Schopenhauer como sendo uma “perversidade do modo de pensar”. (2007, p.16) A utilização do mesmo vocábulo, *Trieb*, por pensadores com cosmovisões tão díspares apenas revela a riqueza semântica do termo.

Apesar da variedade não cabe afirmar que o termo seja esquizóide. O núcleo semântico fundamental concerne à “algo que propulsiona”, “coloca em movimento”, “agulha”, “toca para frente”, “não deixa parar” e “empurra”(HANNS, 1999, p.29). Dessa forma, constata-se que o termo exprime um arco cuja amplitude abrange a natureza em geral, passa pela espécie, perpassa a fisiologia e marca o psiquismo por meio de desejos, necessidades e vontade intensa. O quadro abaixo elaborado por Hanns (EPSI, vol. I, p. 138) sintetiza e exemplifica as concepções do vocábulo *Trieb* antes das elaborações teóricas freudianas.

Uso do Termo <i>Trieb</i> antes de Freud					
Patamares de manifestação da pulsão →	Natureza em geral	Nas espécies	Na fisiologia	No psiquismo via afetos e imagens	No psiquismo via pensamentos e linguagem
Formas de manifestação →	Como lei ou força ou como princípio que regula as grandes escalas da natureza.	Como disposição (tropismo ou tendência) ou instinto que cumpre finalidades intrínsecas àquela espécie.	Como estímulo ou como impulso que percorre vias nervosas e tecidos, emana de mucosas, órgãos etc.	Como vontade, desejo, necessidades intensas expressos por imagens e afetos imediatistas.	Como vontade, desejos e necessidades expressos como raciocínios controlados.
Exemplos de designações de pulsões utilizadas na época →	Pulsão de auto conservação.	Pulsão de reprodução, pulsão gregária.	Pulsão de respirar, de expelir etc.	Pulsão de comer (fome), pulsão de autoafirmação.	Pulsão de conhecimento, pulsão de contemplar.

Com isso se observa que o vocábulo abarca simultaneamente uma forte carga de determinações arcaicas da natureza, como também características de volição e inclinações psíquicas. De certa forma pode-se afirmar que toda essa rede de significações encontra-se de maneira virtual na utilização freudiana do termo, visto que os conceitos epistêmicos não estão apartados da linguagem ordinária, do discurso doxático.

Por exemplo, caso queiramos discutir a noção de infinito nos cálculos lógicos e abstratos da matemática, teremos como ponto de apoio as significações referentes ao tempo aplicadas na linguagem cotidiana. Ou seja, é impossível dissociar o discurso individual da

comunidade linguística na qual está inserido. Contudo, a utilização freudiana do vocábulo não se restringe à simples reprodução do termo. Sua inovação decorre da teorização deste sob a ótica do Inconsciente, bem como sua interação com as instâncias Pré-Consciente e Consciente. Dessa maneira, o termo é abordado psicodinamicamente de acordo com o conflito psíquico.

Freud na condição de escritor sabe tirar proveito da cadeia semântica deste lexema. Uma palavra que, segundo ele, é fator gerador de inveja em diversas línguas modernas (SOUZA, 2010, p.252). E, pode-se acrescentar, de dor de cabeça para os tradutores ciosos da manutenção do estilo e da inovação freudiana ao estudo da mente humana. Em certas ocasiões ele se utiliza de sinônimos, tal como o vocábulo *Drang* (pressão), a fim de expor os reflexos do estímulo corporal experienciado por uma pessoa ou articula o uso entre palavras diferentes com a finalidade de ressaltar certos paralelismos. Por exemplo, *Reiz* e *Trieb* são, ao longo da obra, ambos utilizados em conexão com adjetivos de dor, medo incômodo e fuga. Desse modo não são apenas palavras que são articuladas, mas sobretudo conceitos, os quais paulatinamente, apresentam a cosmovisão do médico vienense (HANNIS, 1999, p. 19).

O esforço de definição e articulação dos conceitos psicanalíticos ganha propulsão com a escrita dos artigos metapsicológicos. O estudo dos destinos assumidos pela pulsão inicia o esforço de delimitação nocional empreendido por Freud no período da Primeira Grande Guerra. Passado o momento inicial, de 1899 até 1905, no qual o inconsciente foi descoberto e a concomitante discriminação dos fenômenos ligados ao modo de funcionamento deste, um período sobre o qual Anzieu (1989, p. 31) lista por volta de trinta fenômenos que posteriormente figuraram no corpus de análise psicanalítico, Freud parte para a definição dos conceitos básicos. A influência hegeliana permeia a busca científica freudiana posto que num primeiro momento ele descreve os fenômenos e, em seguida, os categoriza articulando-os numa visão de conjunto dinâmica que se altera em concordância com as particularidades dos fenômenos observados. Nas palavras de Freud:

“O verdadeiro início da atividade científica consiste muito mais na descrição de fenômenos que são em seguida agrupados, ordenados e correlacionados entre si...só depois de termos investigado mais a fundo determinado campo de fenômenos é que poderemos formular com mais precisão seus conceitos básicos e modificá-los progressivamente, até que se tornem amplamente utilizáveis e, portanto livres de contradição. É apenas então que talvez tenha chegado a hora de confinar os conceitos em definições.”(FREUD, 1915, EPSI, vol. I, p.145)

Na lista apresentada por Anzieu não consta o termo *Trieb*, entretanto, o papel desempenhado pela sexualidade precoce, o qual é intrínseco ao funcionamento pulsional e inconsciente, já se encontra presente. Ao olhar retrospectivamente para esse momento inicial da produção psicanalítica, Freud (1930, ESB, vol. XXI, p.121) se refere à metáfora de Schiller que afirma que o Amor e a Fome são os propulsores da humanidade. Fatores que se correlacionam à pulsionalidade que move o ser humano: sexo e auto-conservação.

A reflexão freudiana acerca das perversões evidencia que apesar das necessidades biológicas e sexuais de alimentação e reprodução, o processo de escolha de objetos que satisfaçam a necessidade pulsional demonstra a não correlação direta entre o estímulo e o objeto. Por exemplo, nos humanos o alimento não serve apenas para restabelecer o equilíbrio homeostático físico-químico do organismo. Nas diversas comunidades linguísticas as significações associadas ao ato de ingerir podem abranger sentidos como: uma forma de lidar com o sentimento de angústia existencial; a busca por atingir um ideal de corpo compartilhado socialmente; um ato simbólico de união e troca entre membros de um mesmo grupo, tal como numa reunião de família; ou até mesmo simbolizar a transcendência da vida corpórea, como expresso pelo ritual de ingerir uma hóstia consagrada por um sacerdote cristão.

Na intenção de acentuar a pluralidade de sentidos agregados à pulsão humana, Laplanche (1985, p.18) discute as possibilidades de tradução do termo *Trieb* nas línguas latinas – instinto ou pulsão. A proximidade desses vocábulos se dá pelo fato de que a palavra *Trieb*, como vimos, vem de *Treiben*, empurrar. Por sua vez, *Instinct* tem sua origem na palavra latina *Instinguere*, a qual significa igualmente incitar e/ou empurrar. Igualdades à parte Freud utiliza ambos os termos de forma diferenciada. *Instinkt*, no alemão, “é um comportamento pré-formado, cujo esquema está hereditariamente fixado e que se repete segundo as modalidades relativamente adaptadas a certo tipo de objeto.” (*idem*) A tradução do vocábulo alemão para o neologismo *pulsion*/pulsão ressaltaria a inconformidade com modelos pré-formados e rígidos.

A utilização freudiana desses termos indica também a derivação da pulsão no homem a partir do instinto. Ao funcionamento de mamífero soma-se o funcionamento por meio da linguagem com suas regras de funcionamento transmitidas culturalmente. Ainda quanto à proximidade dos termos, Laplanche afirma que a análise da pulsão tal como é apresentada no artigo “Pulsão e Destinos de Pulsão”, em sua generalidade, também é válida para o instinto.

Nessa ocasião os aspectos pulsionais são definidos como: Impulso/pressão (*Drang*), meta/alvo (*Ziel*), objeto (*Objekt*) e fonte (*Quelle*).

A componente pressão, também cognominado ímpeto ou intenso anseio, refere-se ao âmbito econômico da pulsão e, conseqüentemente, a uma exigência de trabalho. Visto que o movimento de carga energética (pressão) e descarga se viabilizam pela realização de atos. Nesse sentido expressa a ligação entre o somático e psíquico ao apresentar a estimulação endógena ao aparelho psíquico. (FREUD, 1915, EPSI, vol. I, p.148) Ou seja, se há trabalho, existe modificação no organismo e, tal como nas ciências físicas, a força somente pode ser definida analisando-se a quantidade de trabalho. Dito de outra forma, a intensidade da pressão pode ser conhecida por meio do trabalho que é necessário para satisfazê-la. Ao longo desta dissertação toma-se a expressão “trabalho pulsional” como o conjunto de atos que configuram um processo psicodinâmico.

O potencial energético expresso pela pressão é gerado corporalmente na fonte pulsional (*Quelle*). Nos “Três ensaios acerca da teoria da sexualidade” encontram-se duas acepções para a palavra fonte. A primeira é mais concreta e conecta-se ao termo zona erógena. No exemplo da oralidade, a zona labial sendo excitada no momento da passagem do leite. Sob esse enfoque considera-se a existência de um aparato biológico que faz a sexualidade brotar e são descritas como lugares da sexualidade oral, anal, uretal ou genital. (1905, ESB, vol. VII, p.159) A segunda é mais abstrata, visto que vai gradativamente abandonando a noção de um lugar privilegiado da excitação, abarcando a mobilidade corporal e a sensação de presença do próprio corpo. (*Idem*, p.160)

O primeiro sentido de fonte pulsional apoia-se no fato das zonas erógenas serem lugares de trânsito e de trocas com o mundo. Estabelecendo-se como pontos de ruptura ou de retorno do invólucro corporal, visto que são essencialmente os orifícios esfínterianos e as mucosas. Consistem em zonas de circulação, igualmente zonas de cuidados, isto é, os cuidados particulares e especiais da mãe. Portanto, essas zonas atraem as primeiras manipulações erógenas por parte do adulto. Cuidados de nutrição e higiene, motivados conscientemente pela prontidão maternal, mas onde as fantasias de desejo inconscientes funcionam plenamente. (LAPLANCHE, 1988, p. 119)

“Fato ainda mais importante, se introduzirmos no jogo a subjetividade do primeiro parceiro, essas zonas focalizam as fantasias parentais e, sobretudo, as fantasias maternas, de tal forma que se poderia dizer, quase como imagem real, que elas são os pontos pelos quais se introduz na criança este corpo estranho interno que é, propriamente, a excitação sexual.” (LAPLANCHE, 1985, p.31)

A atuação do adulto pervade a criança, que dado seu estado natural de desamparo encontra-se em passividade. Ele deixa nela um “corpo estranho” que se configura numa fonte de excitação inconsciente. Ferenczi (1933) aponta a disparidade no confronto da criança com o mundo adulto, bem como a necessidade dessa relação assimétrica para que o humano se constitua.

A segunda conotação associada à palavra fonte concerne à característica corporal na qual a erogeneidade é uma faculdade geral de todos os órgãos e, portanto, pode-se referir a um aumento ou diminuição da erogeneidade em uma parte específica do corpo. (FREUD, 1914, EPSI, vol. I, p.105) Freud chega a essa conclusão sobretudo por seus estudos acerca do sintoma hipocondríaco. Neste, a estimulação endógena geral do organismo apresenta-se à consciência como o medo de que algum mal comprometa o devir do Eu.

Longe de ser um processo bioquímico localizável num órgão ou em algumas células diferenciadas, a fonte da sexualidade pode ser um processo tão geral quanto à excitação mecânica do corpo no seu conjunto. Uma excitação sexual relacionada à atividade muscular, como por exemplo, o embalo da criança ou excitações que podem emergir de trepidações ritmadas. Dessa maneira a excitação sexual provém de um efeito marginal eliciado por toda uma série de processos internos - excitações mecânicas, atividade muscular, trabalho intelectual, etc - tão logo a intensidade desses processos ultrapasse certos limites quantitativos. Lembrando que ambas as fontes, concreta e abstrata, expressam-se pela pressão (*Drang*) exercida pela pulsão. (LAPLANCHE, 1985, p.29)

Outro aspecto da pulsão definido por Freud consiste no objeto. Este assume o papel de elemento que desencadeia o ato específico que visa à satisfação. Desse modo, se configura como o meio pelo qual a pulsão encontra a satisfação. Cabe ressaltar que a pulsão sexual existe primeiramente independente de seu objeto. Sendo o brotar pulsional não determinado por excitações provindas dele. Durante os diversos destinos assumidos pela pulsão o objeto poderá ser substituído por outros inúmeros objetos, os quais assumirão diversos papéis no teatro mental da pessoa. (FREUD, 1915, EPSI, vol. I, p.149)

Para que um elemento assumo o papel de objeto basta que este contenha certos traços que permitam à ação gratificante desencadear-se: quanto ao objeto em si mesmo, ele permanece relativamente indiferente, contingente. Dito de outra forma, o objeto evidencia a diferença de potencial gerada pelo impulso. Ele não a elicia. Tem-se, desse modo, que os traços no objeto que permitem a gratificação são os traços perceptivos inconscientes que

induzem a projeção. Estes, como vimos, foram marcados pelos cuidados dos pais para com os bebês. (LAPLANCHE, 1985, p.149)

O componente pulsional meta, por sua vez, consiste no “ato para o qual impele a pulsão”. Caso pensemos em um instinto pré-formado é a montagem motora, a série de atos que levam à determinada realização. E ainda, a meta é “alvo imediato e se refere ao mecanismo pulsional fisiológico de escoamento ou remoção da energia ou à obtenção psíquica de prazer.” (FREUD, 1915, EPSI, vol. I, p.166) Sendo sempre o único alvo final da pulsão a satisfação, definida como o apaziguamento da tensão causada pelo *Drang*.

Como o leitor arguto pode inferir, para que se consiga entender a maneira com que os componentes pulsionais diferenciam-se na concepção psicodinâmica freudiana é necessário considerar as particularidades da sexualidade infantil. A concepção popular da sexualidade afirma que no período da puberdade, devido a um processo de maturação, se manifesta no indivíduo uma atração irresistível exercida pelo sexo oposto. Nessa concepção o alvo seria a união sexual ou os atos que levam a essa. Esta concepção está próxima da noção de instinto. Aplicando aos componentes da pulsão tem-se: o processo de maturação, fonte de um estímulo, geraria uma pressão que possuiria um objeto fixo, por meio do qual se alcançaria a satisfação. O alvo prefixado seria a união sexual ou os atos que conduzem a ela. Ou seja, os componentes pulsionais tal como definidos por Freud, *mutatis mutandis*, poderiam ser aplicados também ao instinto.

Todavia, o estudo freudiano das perversões mostra a que ponto o campo da sexualidade humana é amplo, e como a existência delas destrói toda ideia de um alvo ou de um objeto pré-determinado para a sexualidade humana. Fato que desmonta a supracitada noção cotidiana de instinto. A concepção freudiana da sexualidade lança luz sobre o problema da pulsão. Posto que “a pulsão, em seu sentido próprio, no único sentido fiel à descoberta freudiana é a sexualidade.” (LAPLANCHE, 1985, p.30) Esta se faz presente na tenra idade dos bebês, num movimento que desencaminha o instinto, que metaforiza seu alvo, que desloca e interioriza seu objeto.

A sexualidade infantil apresenta três características principais: apoia-se sobre uma função corporal essencial à vida, não conhecendo, em seu brotar, nenhum objeto sexual; é auto erótica; e têm seu objetivo determinado pela atividade de uma zona erógena. A fim de entendermos o apoio da pulsão na função vejamos o exemplo do comportamento instintual da

fome e a sua subsequente configuração como manifestação da pulsão oral. (FREUD, 1905, ESB, vol. VII, p.170-1)

Um desequilíbrio humoral ou tecidual corresponde subjetivamente à impressão de fome. Quando se utiliza dos componentes definidos por Freud, tem-se que a fonte está no trato digestivo. Em um primeiro momento poder-se-ia pensar que o objeto é o seio, porém o que traz a satisfação é o alimento, o leite. A meta consiste no processo de sucção, a procura do mamilo, a mamada, o alívio da tensão e a subsequente saciedade. Desse modo, objeto, alvo e fonte estão contidos na expressão “isso entra pela boca”. Vejamos: “Isso” é o objeto, “entra” é a meta/alvo e quer se trate de alvo sexual ou de alvo alimentar, o processo é de qualquer maneira um “entrar pela boca”. Quanto ao nível da fonte, encontra-se a mesma duplicidade. Na medida em que a boca é ao mesmo tempo órgão sexual e órgão da função alimentar. (LAPLANCHE, 1985, p.25)

Concomitante ao processo de nutrição há excitação da boca e dos lábios pelo mamilo. Inicialmente a atividade sexual apoia-se numa função destinada a conservar a vida, posteriormente torna-se independente desta. O fenômeno de apoio da pulsão refere-se ao fato da sexualidade nascente apoiar-se num outro processo, ao mesmo tempo similar e profundamente divergente, a saber: a pulsão sexual apoia-se numa função não sexual, vital ou numa função corporal essencial à vida.

Ainda segundo Freud, a expressão de saciedade do bebê quando abandona o seio é o modelo da satisfação sexual que se experimenta na vida adulta. Todavia a necessidade de repetir a satisfação sexual separar-se-á da necessidade de nutrição. (*Idem*) O protótipo da sexualidade oral não é a sucção do seio, e sim o ato de chupar. Doravante o objeto é abandonado. O alvo e também a fonte tornam-se autônomos em relação à alimentação e ao sistema digestivo. Com o chupar, chega-se à característica da sexualidade infantil do auto erotismo.

Nesse exemplo, o objeto real, o leite, era o objeto da função, sendo essa como que preordenada instintivamente em relação ao mundo da satisfação. É esse objeto real que foi perdido. Todavia o objeto que está ligado ao retorno autoerótico, o seio, é, ele próprio, o objeto da pulsão sexual. Apreende-se que o objeto em psicanálise não se restringe aos objetos que possuem *res extensa* no mundo dos fenômenos. A noção de objeto em psicanálise abrange os objetos fantasmáticos, tal como o seio do exemplo, bem como os objetos parciais, tais como as fezes e o pênis. Estes por sua vez, possuidores da característica de serem

destacáveis real ou imaginariamente. A expressão freudiana “encontrar o objeto sexual é, na realidade, reencontrá-lo” é interpretada por Laplanche da seguinte forma:

“O objeto a ser reencontrado não é o objeto perdido, mas seu substituto por deslocamento, o objeto perdido é o objeto de autoconservação, é o objeto da fome, e o objeto que se tenta reencontrar, na sexualidade, é um objeto deslocado em relação a esse primeiro. Daí, evidentemente, a impossibilidade de, em suma, nunca reencontrar o objeto, já que o objeto perdido não é o mesmo que aquele que se deseja reencontrar. Aí está a força do engodo essencial que se situa no início da procura sexual.” (LAPLANCHE, 1985, p.27)

O alvo da alimentação era a ingestão, em psicanálise fala-se em incorporação. Com esta o alvo se torna palco de uma fantasia. A incorporação generaliza a ingestão, abrangendo todos os outros orifícios corporais, no nível da pele, inclusive os olhos. Assim, do alvo da função ao alvo sexual existe um deslocamento que, dessa vez, segue uma linha analógica, metafórica, e não mais uma cadeia associativa por contiguidade. (LAPLANCHE, 1985, p. 28) Por exemplo, tem-se expressão “devorar os livros”. No sentido de introjetar o conteúdo semântico que compõe determinada obra literária. Com isso alcançamos a diferenciação entre instinto e pulsão.

1.2 A delimitação do conceito de Pulsão

Durante a Primeira Grande Guerra, Freud inicia seu esforço de delimitação do conceito de pulsão assumindo as dificuldades de seu intento. Os pressupostos apolíneos da ciência que prezam pela clareza e não contradição na definição dos conceitos são constantemente desafiados pelo modo de funcionamento pulsional. A condição de ser a intermediária entre o corpo biológico e o psiquismo confere à pulsão certa obscuridade, visto que permeia a barreira do que pode ser dizível. As contradições e conflitos se apresentam em todos os ângulos sobre os quais o psicanalista se apoia para lançar luz sobre o conteúdo que preencherá o conceito.

No campo biológico os conflitos se dão entre as pulsões de reprodução da espécie e as pulsões de conservação do indivíduo. No nível fisiológico os conflitos emergem nos movimentos díspares e, algumas vezes, contraditórios entre a carga e a descarga energética. Na dimensão do processo psíquico primário a polaridade surge na oposição entre prazer e

desprazer. Adicionando complexidade ao sistema pulsional tem-se, no caso dos humanos, a linguagem que distorce e multiplica a quantidade de objetos viabilizadores da satisfação. (HANNIS, 1999, p. 140)

Em seu artigo acerca das pulsões Freud cita o exemplo de um organismo que a partir do ato de distinguir entre estímulos externos e internos configura a própria percepção de um mundo interior e outro exterior. A diferença entre os dois tipos de estímulo é que o primeiro pode ser evitado, seja pela esquiva ou fuga, enquanto que para o segundo tipo não há meios de resguardo, além de não serem interrompidos até que a satisfação seja alcançada.

O exemplo freudiano é simples, contudo está longe de ser simplório. Nele podem-se vislumbrar os primórdios do processo perceptivo, bem como a gênese da consciência impulsionada pelas sensações vivenciadas pelo organismo vivo. Na semiótica de Peirce (1980, p. 17) corresponde à consciência de primeiridade, a qual abrange essencialmente o acontecimento como sensação imediata. Tocante a tudo aquilo que se encontra na consciência do sujeito e que lhe possibilita sentir, ter sensações ou sentimentos no momento presente.

“O presente (imediato) é o que é, não determinado pelo ausente, passado e futuro... Imaginemos, se quisermos, uma consciência onde não existe nenhuma comparação, relação, nenhuma multiplicidade reconhecida, nenhuma mudança. Tal consciência pode ser simples odor, por exemplo, essência de rosas; uma contínua dor de cabeça, infinita... Em suma, qualquer qualidade de sensação, simples e positiva... Qualidade de sensação é a verdadeira representante psíquica da primeira categoria do imediato em sua imediatidade, do presente em sua presentidade.” (*idem*, p.18)

É curioso observarmos o papel basilar atribuído por Peirce à vivência acontecimental no presente. Conforme veremos no capítulo 2, destaque semelhante é atribuído ao tempo presente pelo linguista Gustave Guillaume. Ao comparar diversas línguas, ele constatou que o único tempo verbal manifesto em todas é o tempo presente. Às objeções de que outras línguas também possuem tempos no passado e no futuro, ele afirma que mesmo que esses tempos existam nas diversas línguas a forma de experienciar um tempo no passado ou futuro diverge entre as culturas. Enquanto que com o tempo presente as significações atribuídas pelas comunidades linguísticas e, conseqüentemente, expressas quando um falante faz uso de um enunciado nesse tempo verbal são as mesmas. Elas se referem ao que se presentifica na consciência no instante agora.

Quanto aos usos ordinários de tempos no “não presente”, a saber, passado e futuro, tomemos como exemplo a utilização dos tempos no futuro nas línguas germânicas e latinas.

Nas línguas germânicas a noção temporal expressa pelo tempo futuro é de um processo que transcorre em continuidade com o agora, ou seja, não há separação entre o instante presente e os momentos que se desenrolam até que o ato no futuro seja efetivado. Nas línguas latinas a vivência temporal que subjaz ao uso cotidiano dos tempos no futuro é de um evento pontual que ocorre “lá na frente”, após o momento presente.

Ao que parece o ponto de partida comum, que confere ao presente sua centralidade na fala humana, é a percepção dos estímulos corporais, os quais fundamentam a sinestesia do corpo. Disso decorre que não é possível dissociar o fluxo da ordem vital do ritmo marcado pelos atos corporais em movimento.

É intrínseco à concepção freudiana o fato do organismo não se constituir como uma ilha isolada. Ele demanda um comércio perceptivo constante com o mundo. Tais trocas se dão por meio de estímulos externos prazerosos e desprazerosos que constantemente desafiam o indivíduo a passar nas provas da seleção natural - e continuar vivendo - ou sucumbir seguindo o rumo da decomposição orgânica. Aos sobreviventes a urgência da manutenção homeostática do organismo e o garantir da perpetuação da espécie. Aos que morrem, o caminho da decomposição rumo ao inorgânico e reintegração a novos sistemas organizados. Tais como as plantas ou outros animais. Ressaltamos que *pari passu* às estimulações externas têm-se as estimulações internas que pressionam o organismo para a autoconservação. Nesse contexto o confronto com a realidade material se coaduna com a tradição oral que afirma: Vida é trabalho!

Percebe-se que a influência de Darwin é inequívoca na obra freudiana. Todavia não é possível diminuir a influência do iluminismo alemão na utilização nocional do conceito de pulsão. Os sinônimos *Trieb* e *Drang* compõem o lema do movimento criado por Schiller e Goethe *Sturm und Drang* (1767-1785) [Tempestade e Pressão, no ingl. *Storm and Stress*, retirado do drama de Friedrich von Klinger]. Schiller faz uso frequente das duplicações da ideia do conflito humano como nos assolando (Tempestade) e pressionando (Sob Pressão). Ou seja, a existência é sempre tormentosa e com pressão: Pulsão e Aperto (*Trieb und Drang*) e Pulsão e Tormenta (*Trieb und Sturm*), tal como vemos na imagem de um homem dentro da tormenta, que o envolve, e anda na esperança de encontrar uma direção que o leve para fora da tormenta. Fazendo isso com a pressão interna que dispõe, rumo a um destino desconhecido. (MARTINS, 2010, p. 15)

Concepção análoga é expressa pela tradição oral que afirma ser dever de todo vivente suportar a vida. Compete ao indivíduo realizar os atos que viabilizem a manutenção de seu *status quo* de ser vivente. E ainda, a partir desses mesmos atos o indivíduo é ininterruptamente reconfigurado à medida que efetua o comércio libidinal de investimentos e contrainvestimentos com o meio em que habita e com seus pares viventes.

A responsividade ante aos estímulos nos remete à ideia de experiência, caracterizador da segundidade peirciana. (PEIRCE, 1980, p. 18) Nesta tem-se a capacidade de representar, havendo predomínio das imagens sem palavras. Na qualidade perceptiva de segundidade tem-se a percepção de que o passado constitui uma causa que modifica o presente. O que ocorre é um aspecto reflexivo da vivência no presente. Após a conclusão de um ato no presente este se torna passado, que por sua vez elicia conjecturas acerca do devir, acerca do futuro.

Para que haja o ato mental de jogar com as possibilidades que hão de vir é necessária a existência de um Eu mediado simbolicamente pela linguagem. A esse outro nível qualitativo da linguagem Peirce (1980, p. 94) denomina terceiridade, a qual abrange a capacidade de simbolizar. Esta se fundamenta numa lei ou regra que permite a generalização, viabilizando o processo inferencial de que um dado evento ou ato produzir-se-á.

A vivência pessoal das pulsões se apresenta como alheia à vontade do sujeito, se apresentando como uma coação (*Zwang*), uma restrição da vontade do Eu por um poder experienciado como externo. O destino coercitivo (*Ananké*) induzido pela pressão (*Drang*) pulsional pode ser substituído por um destino de livre escolha. Com isso não afirmamos que seja possível alcançar o domínio das pulsões e sim que o homem, diferente de outros animais, pode se tornar consciente das possibilidades de seu devir. (SZONDI, 1975, p. 28) O salto qualitativo possibilitado pela linguagem abre novas possibilidades de destino. Nesse sentido a noção de destino não pode ser alienada da noção de pulsão, nem de um Eu que reflete acerca de si próprio e reage aos estímulos endógenos.

Ao nomear o artigo que lida com o difícil problema da pulsão Freud considera os destinos assumidos pela pulsão (*Tribschicksale*). Posto que “*schicksale*” pode ser traduzido como destino. Neste texto sugere que “abordemos os destinos das pulsões relacionado-os com as forças motivacionais que se contrapõem ao avanço das pulsões, o que nos permite tratar tais destinos como se fossem modos de defesa contra as pulsões”. (FREUD, 1915, EPSI, vol. I, p. 152)

Freud define quatro destinos para a pulsão nascente, a saber, transformação em seu contrário, redirecionamento contra a própria pessoa, recalque e sublimação. Dado a lógica dual do primeiro destino pensamos que ele denota um processo qualitativo de segundidade. A transformação em seu contrário se desmancha em dois processos diferenciados: o redirecionamento de uma pulsão da atividade para a passividade e a inversão de conteúdo. A alteração em seu contrário se refere às metas da pulsão, por exemplo, a meta ativa de torturar ou olhar é substituída pela meta passiva de ser torturado ou ser olhado. O destino “inversão de conteúdo” concerne à inversão do amor em ódio.

Os outros três destinos pulsionais possíveis inserem-se numa lógica de terceiridade, haja vista a necessidade de mediação e de um Eu estruturado simbolicamente por meio da linguagem. É condição *sine qua non* para que o destino “redirecionamento contra a própria pessoa” transcorra um Eu mediado simbolicamente. Este destino difere do anterior por essa necessidade e pelo fato de que neste ocorre a troca do objeto sem alteração da meta. Ou seja, no caso do sadismo, a pulsão agressiva é deslocada do investimento no Tu para um investimento no Eu. O mesmo vale para o ato de amar e ser amado.

Três momentos marcam a alteração de objeto, inicialmente, no sadismo, tem-se o exercício de violência ou poder sobre outra pessoa que é tomada como objeto. No segundo momento esse objeto é abandonado e substituído pelo eu do indivíduo. Por fim, na terceira etapa, uma pessoa estranha é mais uma vez procurada como objeto, a qual, em consequência da alteração que ocorreu na finalidade pulsional, tem de assumir o papel do sujeito. (FREUD, 1915, EPSI, vol. I, p. 153)

Nesse processo se observa a dinâmica dual da relação Eu e Tu. O Eu que atua sobre um não eu (Tu) e que em seguida se identifica com este sofrendo o ato. Por fim, reinvestindo em um “Tu”. A segundidade, tomada como modalidade semiológica, assume o primeiro plano na troca manifesta pelo ato paroxístico perverso. A relação do Eu com o objeto (Tu) é marcada pela constituição de um limite sinuoso que testa as fronteiras da resistência biológica. Ou seja, a tensão entre a satisfação eliciada pelo “Tu” e o movimento em direção à destruição deste, concomitante ao encontro da própria destruição no momento da satisfação. Quando se observa a relação “Eu-Tu” sob o enfoque do Eu que reflete acerca de seu histórico de trocas amorosas e de sua finitude, encontra-se a categoria qualitativa da terceiridade peirciana. Posto que a generalização que é feita com base nas vivências pessoais necessita da linguagem para se expressar.

Cabe salientar que não é possível afirmar que uma pulsão ama um objeto. Este verbo transitivo marca o relacionamento do Eu com seu objeto de amor. Dessa maneira, percebe-se que neste rumo pulsional a terceiridade desempenha papel mais proeminente. Obviamente após a constituição de um Eu mediado pela linguagem os processos característicos de primeiridade e segundidade são vistos e interpretados por meio dos processos de terceiridade ou, para utilizar um termo psicanalítico, via as regras do processamento secundário.

Para que se tenha acesso aos resquícios mnêmicos infantis provenientes da estimulação infantil, primeiridade, é necessário o esforço laboral de expressá-los por meio da fala. Outro exemplo é a interpretação do fenômeno do sonho, cuja formação tem como um dos pilares a figurabilidade, processo no qual os pensamentos latentes do sonho são expressos por meio de imagens, caracterizadoras do processo de segundidade peirciana. Desse modo partimos de um organismo que “apenas” diferenciava estímulos internos e externos e chegamos a um organismo passível de ser denominada “pessoa”. O Eu humano, desse modo, resulta do processo continuado de comércio com o outro, alteridade, e de consigo próprio, ipseidade.

Cabe lembrar que a figurabilidade, juntamente com o deslocamento e a condensação são processos psíquicos descobertos por Freud quando este buscava resolver o enigma dos sonhos. (FREUD, 1900, ESB, vol. IV, p.371) O trabalho de associação livre em cima do conteúdo manifesto dos sonhos levou o psicanalista a decifrar os pensamentos latentes cujas significações motivaram a produção onírica. Concomitante a essa atividade ele divisou as particularidades do processamento primário e do processamento secundário. Sob o ponto de vista tópico esses processamentos correspondem, respectivamente, a instância Inconsciente e as instâncias Pré-Consciente e Consciente. No primeiro tipo de processamento a libido transpassa as representações livremente por meio dos mecanismos de deslocamento e condensação. No segundo a energia psíquica encontra-se ligada às representações de maneira mais estável devido à influência da linguagem e da censura.

Esta última se baseia no Ideal do Eu, o qual induz a retirada dos conteúdos que não coadunam com os elevados parâmetros estabelecidos pela instância moral. Para que essa retirada seja efetivada configurando o destino pulsional conhecido como recalque, é necessária que haja a nítida separação entre a atividade psíquica consciente e a inconsciente, posto que a essência desse destino consista na ação de repelir algo para fora do consciente e mantê-lo afastado deste. (FREUD, 1915, EPSI, vol. I, p.178) Cabe ressaltar que antes da

capacidade de recalcar se estabelecesse esta função era exercida pela transformação no contrário e o redirecionamento da pulsão contra a própria pessoa.

Nesse ínterim, o recalque se configura como um dos possíveis destinos para a pulsão que brota ou está aflorando. Os fatores que viabilizam a ocorrência desse destino se apoiam na característica da pulsão de que esta somente pode emergir no psiquismo como representação ou afeto. À representação concerne a ideia associada ao estímulo pulsional, o afeto por sua vez corresponde ao aspecto quantitativo. Este concerne à energia pulsional que ao se expressar na Consciência adquire uma qualidade agradável ou aversiva. Ambos os fatores de apresentação da pulsão podem ser recalcados. Todavia, cabe uma ressalva quanto à presença de afetos no Inconsciente.

“O afeto é mantido e pode deslocar-se então para outra representação; é transformado em outro afeto, particularmente em angústia, ou então é reprimido. Note-se, no entanto, que esta repressão não é um recalque no Inconsciente no mesmo sentido do que incide na representação; efetivamente, não se pode falar de afeto inconsciente em sentido estrito. Ao que assim se denomina apenas corresponde, de fato, no sistema Inconsciente, a um rudimento que não conseguiu se desenvolver”. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1983, p. 453)

Convém lembrar que a satisfação de uma pulsão é sempre prazerosa, o que pode ocorrer é esse prazer ser transformado em desprazer. Sendo que uma condição para que o recalque ocorra é que a força que gera desprazer seja maior que a que gera prazer. O sentido aludido por Laplanche quanto aos reflexos do recalque no representante referem-se às duas fases do recalque.

A primeira fase do recalque denomina-se recalque original ou ancestral e consiste na interdição do acesso do representante (*repräsentanz*) psíquico da pulsão (a sua representação mental [*Vorstellung*]) à instância consciente. Esse recalque estabelece uma fixação, a partir da qual o representante em questão manter-se-á inalterado e a pulsão permanecerá a ele enlaçada. (FREUD, 1915, EPSI, vol. I, p.179) A segunda fase do recalque denominada recalque propriamente dito:

“Refere-se a representações derivadas do representante recalcado ou ainda àquelas cadeias de pensamentos que, provindo de outros lugares, acabam estabelecendo ligações [*Beziehungen*] associativas com esse representante.” (*idem*)

As representações associativamente ligadas à representação recalcada originalmente são atraídas por esta, sendo também empurradas pela consciência para o Inconsciente. No

Inconsciente o representante pulsional recalcado continua a existir, a se organizar e a formar novas conexões com novas representações. O recalque só perturba a relação com a instância consciente. Retirado da influência consciente a representação se prolifera encontrando modos extremos de expressão. O material mais próximo à representação recalcada originalmente é retirado da consciência, nesta segunda fase as representações ligadas, porém mais afastadas, têm acesso a essa instância.

Ressaltamos que o recalque trata cada representação individualmente. Cada uma podendo assumir uma forma de apresentação específica de acordo com o grau de deformação. Nesse sentido, infere-se que os objetos preferidos das pessoas, bem como seus ideais mais caros, partilhem da mesma origem das percepções e experiências que os objetos por elas mais desprezados. Sendo que originalmente tais objetos possuíam apenas poucas alterações entre si. Tal fenômeno se apresenta na constituição do fetiche, no qual um representante pulsional original foi decomposto em duas partes. Uma das quais foi recalcada, enquanto que a outra sofreu o destino da idealização. Processo análogo também ocorre nos casos de fobia, em que determinado objeto elicia sensações de desconforto e angústia. (FREUD, 1915, EPSI, vol. I, p. 180)

Tal construção teórica nos auxilia a entender os motivos pelos quais a resistência se intensifica em certos momentos da análise. A partir das associações livre do analisando aproxima-se, ou melhor, reconstruí-se o material recalcado originalmente. Quando se avizinha desses conteúdos, o recalcado se apresenta de forma tão intensa que ele se vê obrigado a voltar a repetir a tentativa do recalque. Concomitante a esse processo a transferência se apresenta em ato na terapia. O conteúdo que antes se manifestava como uma imagem *in effigie* agora se mostra no presente durante o processo de análise.

Freud (1912, ESB, vol. XIII, p. 134) ressalta o trabalho de atualização do teatro edipiano mental dos pacientes durante o atendimento psicanalítico. Todavia, os aspectos representacionais atribuídos à figura do analista não devem ser negligenciados. O investimento da pessoa do analista pela libido do analisando atribui ao analista qualidades afetivas e características quanto ao próprio modo de agir na vida. Dito de outra maneira, as ideias atribuídas à figura do analista concernem às representações inconscientes que são projetadas pelo analisando.

Todas essas ideias e afetos adquirem uma direção de sentido na transferência que pode ser amigável ou hostil. Nesse ínterim o analista pode ser idealizado como alguém merecedor

de receber amor ou desprezo. Dessa forma não é possível dissociar o amor e o ódio direcionados para o analista, este tomado como objeto da libido do analisando, da configuração promovida pelo recalque no aparelho psíquico do paciente.

As modalidades de recalque são fatores determinantes nas possibilidades de destino pático assumidos pelo Eu em seu devir existencial. Na histeria de conversão o recalque pode levar a um total desaparecimento da quantidade de afeto, segundo Charcot consiste na “*la belle indifférence des hystériques*”. O conteúdo representacional é retirado completamente da consciência. No lugar deste, como formação substitutiva, ocorre uma inervação ultraforte, somática, ora de natureza sensória, ora motora. O local inervado se relaciona com uma parcela do próprio representante pulsional recalcado, o qual por condensação, atraiu todo o investimento para si. (FREUD, 1915, EPSI, vol. I, p.185)

Na neurose obsessiva, por sua vez, o estabelecimento do recalque pressupõe uma regressão pela qual um anseio sádico atua de maneira concomitante a um anseio amoroso. Esse impulso hostil contra a pessoa amada é que está submetido ao recalque. Na primeira fase, o recalque obtém sucesso, o conteúdo da representação é rechaçado e o afeto acaba desaparecendo. Como formação substitutiva ocorre uma alteração do Eu e um aumento da conscienciosidade, que não se pode propriamente designar como sintoma. O recalque utilizou-se de uma formação reativa, intensificação do oposto, para efetuar a retirada da libido. (*idem*)

A ambivalência que possibilitou a primeira fase do recalque se efetivar também é o fator que possibilita o retorno do conteúdo recalcado. O afeto desaparecido retorna transformado em medo social, em medo da própria consciência moral e na forma de uma repreensão impiedosa. A representação rechaçada é substituída por algo menor, ocorre uma substituição por deslocamento. A representação é rechaçada de forma obstinada, pois com esse afastamento se logra o travamento motor do impulso, o impedimento da ação. No capítulo 3 veremos em detalhe a forma com que esse processo se efetivou em Aliócha Karamazov e a maneira com que os modos verbais expressam as vivências de alteridade e ipseidade do Eu deste personagem.

Na histeria de angústia ocorre um deslocamento entre as representações, no caso do Homem dos lobos (FREUD, 1918, ESB, vol. XVII), por exemplo, a libido desliza da representação do pai para a do lobo. Neste movimento a parcela quantitativa não desapareceu, converteu-se em outra qualidade afetiva, ou seja, a demanda amorosa em relação ao pai cedeu lugar ao medo.

A sublimação configura o quarto destino que pode ser assumido pela pulsão. A utilização do termo demonstra, mais uma vez, a influência do iluminismo alemão no pensamento de Freud. O vocábulo “sublime” é utilizado no âmbito das belas artes com a conotação de grandeza e de conquistas provenientes da elevação do espírito humano. A influência das ciências físicas e químicas também se fazem presentes na utilização do termo. Subjaz a noção transmitida pela operação química de sublimação, na qual um corpo sólido passa para o estado gasoso de maneira direta.

Sob um olhar psicodinâmico o termo abrange “certos tipos de atividades alimentadas por um desejo que não visa, de forma manifesta, um objetivo sexual: por exemplo, a criação artística, a investigação intelectual e, em geral, atividades a que uma dada sociedade confere grande valor”. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1983, p.495) Ou seja, ocorre a transposição da meta sexual originária para outra meta. Neste contexto, o papel desempenhado pelos processos de terceiridade são tão intensos que percebemos que na estrutura conceitual desse destino pulsional a ênfase recai sobre a cultura e, conseqüentemente, por sobre a linguagem.

É importante diferenciar o processo de idealização, o qual se fundamenta na projeção da completude do Eu infantil sobre um Eu que é ideal, do processo sublimatório. A idealização consiste num movimento em que o objeto é enaltecido sem que para isto sofra alguma alteração em sua natureza. Como dissemos, a sublimação consiste no movimento da pulsão de se lançar em direção a outra meta que não a satisfação sexual. Desse modo, mesmo que uma pessoa substituía o próprio narcisismo pela caminhada sob os auspícios de um ideal não indica, necessariamente, que as pulsões libidinais foram sublimadas. (FREUD, 1914, EPSI, vol. I, p.113)

Ao longo do estudo desses destinos pulsionais percebe-se a sobreposição da ordem vital pela ordem da terceiridade. Bem como as possibilidades que emergem como decorrência das formas de auto expressão viabilizadas pela língua. Nesse contexto, a língua não se restringe a apenas denominar objetos que existam no mundo, nem de servir de instrumento e espécie de roupa para os pensamentos. Na psicanálise a língua assume a função de constituir a elaboração e formação de conceitos, processo que posteriormente foi denominado pelos filósofos da linguagem ordinária como visão constitutiva da linguagem. (RORTY, 1967; CABRERA, 2003). Todavia, esse dipolo, ordem vital e ordem da linguagem, não estaria completo se desconsiderássemos o apoio dado pelo corpo, que é condição *sine qua non* para a relação consigo próprio e com os outros.

A busca por um apoio biológico se faz presente em toda a obra freudiana. Mesmo que essa busca tenha assumido diversas nuances ao longo das décadas, a crescente utilização de termos psicológicos em detrimento de afirmações neurológicas não diminuiu sua importância. A centralidade do aparelho biológico é inegável à teoria e prática psicanalíticas. Haja vista o conceito de pulsão, o qual segundo a máxima “intermedeia o psíquico e o somático”. (FREUD, 1915, EPSI, vol. I, p. 148)

Ao longo de sua obra Freud não utiliza o “corpo” como um conceito estritamente psicanalítico. Este é abordado como um “corpo” esquematizado que de acordo com a nuance a ser privilegiada era decomposto em seus elementos. Para isso Freud utilizava-se dos usos semânticos cotidianos expressos por dois substantivos. *Körper* quando se referia ao corpo constatável, objeto material e visível, ocupante de determinado espaço e que apresenta relativa coesão anatômica; e *Leib*, quando o corpo é considerado sob o enfoque de uma substância viva fundamentada no princípio de vida e de individuação. (ASSOUN, 1995, p. 176-7)

Dito de outra forma, as categorias *Körper* e *Leib* podem, respectivamente, ser correlacionadas com a vivência ordinária do corpo como uma superfície de horizonte e visibilidade insuperáveis e como uma profundidade e um “dentro insondável”. Ao remeter-se à organização e à noção de processos corporais, quando concebidos como um conjunto, Freud fazia uso do adjetivo somático (*somatisches*). Nesse contexto o sintoma consiste no ponto intermediário para essas duas vivências substantivadas, visto que este goza dos poderes do *Leib* e modifica o *Körper*. “Os sintomas do corpo recaem, assim, na corporificação do sintoma, processo de “encarnação” que a histeria descreve de maneira privilegiada”. (*idem*)

Com tudo isso se percebe que apesar da sinuosidade do funcionamento pulsional este pode ser definido de maneira coerente quando se decompõe a pulsão em seus componentes e quando observamos as possibilidades de destino pulsional. Tais referenciais lançam luz sobre os fenômenos das trocas amorosas por exporem a lógica de investimento libidinal nos objetos e no Eu. As categorias peircianas de primeiridade, segundidade e terceiridade, nos auxiliaram a definir um mapa. A partir do qual foi possível divisar a maneira com que transcorre a passagem de um organismo perceptivo a um organismo que se auto expressa de maneira simbólica e que pode ser denominado de pessoa. Longe de quereremos esgotar as possibilidades de interface entre a semiologia peirciana tivemos como intento preparar o

campo para as discussões do segundo capítulo, no qual trataremos da relação entre a pulsão e a língua, esta por sua vez, caracterizadora principal dos processos de terceiridade.

Dito em outras palavras, no capítulo seguinte continuaremos nossa busca em entender a forma com que os afluxos pulsionais que emergem no corpo vivido (*Leib*) expressam-se por meio do sistema simbólico da língua. Durante essa empreitada aprofundar-nos-emos na concepção freudiana da linguagem quando este define os tipos de representação- objeto, coisa e palavra – e a relação destas com as instâncias psíquicas.

CAPÍTULO 2 - SISTEMA DO VERBO COMO REPRESENTANTE PULSIONAL

2.1 Introdução

O presente capítulo trata da relação entre a sexualidade expressa pela pulsão e o sistema de fala. Refletiremos como o sistema do verbo representa a vivência pessoal do afluxo pulsional. Tomar-se-á como base a teoria linguística desenvolvida pelo cientista Gustave Guillaume, por ele denominada psicossistemática. Nesta teoria os enunciados são concebidos como a atualização de significações potenciais, as quais são ordenadas pelas regras sintáticas do sistema de fala. Ao longo do capítulo são feitos paralelos entre o processo de atualização linguístico e o processo de descarga pulsional.

Para o linguista, o ato se inicia com o desejo do Eu de se expressar e se conclui com o proferimento de uma sentença. Ou seja, as significações que o falante almeja exprimir são configuradas e ordenadas pela função sintática assumida na frase. Para Freud, o ato de descarga pulsional se inicia com a pressão pulsional, gerada pelo estímulo endógeno da fonte pulsional, e se conclui com a satisfação pulsional. Um ato que parte da posse de um corpo excitado pulsionalmente e que demanda a execução de um trabalho afim de que a satisfação seja alcançada.

Em nosso intento de articular as duas teorias, o pressuposto guillaumiano de que somente com base nos significados é que é possível afirmar que o sistema de fala é um sistema ordenado adquire papel central. Haja vista que o diferencial da pulsão nos humanos é que estas se ligam a significações. Estas adquirem o papel de ponte entre as duas teorias.

A articulação entre a teoria linguística e a teoria pulsional freudiana não se restringirá à contradição fisiológica, carga e descarga, também será abordado a contradição psíquica prazer e desprazer. A interação entre ambas dar-se-á com base na reflexão de que a cada ato motor o âmbito virtual do psiquismo é reconfigurado. Subjacente à argumentação está a afirmação freudiana de que “No principio era o ato”, tal como vimos no capítulo anterior quando estudamos as implicações do ato de diferenciar estímulos endógenos e exógenos para a constituição dos processos de terceiridade.

2.2 Sistema de língua na mente

“Pensar leva tempo, assim como andar” (GUILLAUME, 1945, p.32)

Na época de Saussure, século XIX, os estudos acerca da língua eram predominantemente diacrônicos. Tinham como objetivo o estudo dos desdobramentos sofridos por uma língua ao longo do tempo. A palavra diacronia provém do grego ‘*dia*’ (“através”) + *chrónos* (“tempo”): através do tempo. Na diacronia o foco principal é o estudo comparativo das línguas ao longo da história, com o intuito de esquadriñar as transformações sofridas pelo signo linguístico com o passar do tempo.

A partir dos traços fonéticos presentes em diferentes línguas faladas contemporaneamente, infere-se acerca de uma raiz fonética que as poderia ter gerado. Ou seja, a partir de formas condicionadas observadas infere-se acerca da existência de uma forma condicionadora. Por exemplo, tomemos as palavras que significam “pé” em inglês e em holandês, respectivamente, *foot* e *voet*. Ao comparar as alterações que ocorreram ao longo do tempo nos signos associados ao significado “pé”, bem como a estrutura das línguas nas quais esses vocábulos são utilizados, propõe-se a existência da forma condicionadora **fot-*. Essa relação confere validade científica ao fato explanatório condicionador na diacronia. Pesquisas elaboradas nesses moldes levaram a constatação da proximidade entre línguas aparentemente distintas e sua posterior classificação em troncos e famílias linguísticas.

Outra forma de empreender o estudo da língua consiste no enfoque sincrônico. As raízes do termo sincronia também são gregas. Os fonemas que o compõem podem ser decompostos em: ‘*syn*’ (“juntamente”) + *chrónos* (“tempo”), conferindo o significado de “ao mesmo tempo”. Saussure empreendeu o estudo sincrônico da língua elaborando um recorte da mesma em determinada época visando estudar o sistema de organização da língua. Tal enfoque levou-o a constatar que a língua consiste num sistema abstrato composto por regras de ordenação e formação.

A expressão “sistema abstrato” merece nosso olhar atento, por essa construção não se deve inferir que a língua configure um sistema afastado da história de determinado povo. Longe disso, nas palavras de Saussure: “quanto mais se estuda a língua, mais se chega a compreender que tudo na língua é história, ou seja, que ela é objeto de análise histórica e não de análise abstrata”. (BOUQUET & ENGLER, 2002, p. 131)

A solução para aparente contradição é apontada por Bomemann (2013, p. 7) que ressalta que apesar de ter como foco a sincronia Saussure não olvida a diacronia, visto que a análise sincrônica (estudo da língua em determinado momento histórico) está incorporada na diacronia (estudo da língua através do tempo). E ainda afirma, com Saussure, que uma das provas de que a linguística é uma ciência histórica está no fato de que não é possível conhecer um povo sem conhecer sua língua. Dessa forma, vemos que a expressão “sistema abstrato” ressalta o caráter simbólico da linguagem e não um suposto destacamento da história dos povos.

Para o fundador da linguística (SAUSSURE, 2006, p. 22) a língua consiste num sistema de valores construídos coletivamente, um produto social presente na mente de cada falante. Para ele a língua é o produto que a pessoa registra predominantemente de maneira passiva. Nesse enfoque a reflexão tem seu papel na classificação dos elementos que compõem a língua. A fala, por sua vez, concerne à idiossincrasia daquele que se expressa pela língua. Caracteriza-se como um ato particular de vontade, por meio do qual o falante combina os elementos da língua a fim de se expressar. Abrange também os aparelhos psicomotores que permitem essa expressão.

Observa-se que o pensamento saussuriano é eminentemente dual, organizado em categorias dicotômicas que interagem entre si, as quais nortearam sua prática linguística firmando as bases sobre as quais floresceu a ciência linguística. O linguista cuja teoria servir-nos-á de apoio, Gustave Guillaume, voltou sua atenção para as interações entre língua e fala. Ele considerava que para que o estudo da língua pudesse ser considerado completo devia-se também traçar o processo de formação sincrônico da fala. Nesse âmbito o aparelhamento psíquico e motor que viabilizam a fala adquirem proeminência. Haja vista que seu foco de pesquisa volta-se para o momento em que há passagem do sistema de língua na mente de uma pessoa para a fala enunciada por esta mesma pessoa.

O ramo da ciência linguística por ele desenvolvido chama-se psicossistemática. Todavia, apesar do interesse no que transcorre na virtualidade da mente do falante e a utilização do prefixo “psico” na nomenclatura do ramo por ele desenvolvido, o cientista é categórico ao afirmar que os limites epistemológicos entre as ciências neurológicas, psiquiátricas e psicológicas não são invadidos. Ele assevera que suas pesquisas sobre a fala na mente não revelam a natureza do pensamento, em suas palavras:

“O estudo da formal, psicossistemática da fala não leva ao conhecimento do pensamento nem de como este funciona, como tem sido erradamente suposto. Leva para algo diferente, a saber, o conhecimento dos meios inventados pela mente através das eras para permitir a quase imediata apreensão do que está ocorrendo consigo própria”. (GUILLAUME, 1984, p. 51-2)

O desenvolvimento da psicossistemática apoia-se sobre os pressupostos saussurianos relativos à centralidade do papel desempenhado pelo significado no sistema da língua, bem como na preocupação com as interações entre língua e fala. Para Guillaume as significações emergem na mente do falante como decorrência da interação deste com o mundo, a partir daí, também surge a motivação para a auto expressão e subsequente compartilhamento. A produção de um discurso sobre si ou acerca do mundo que o envolve dá-se via o sistema de língua na fala. A pergunta feita pelo linguista foi: Como se dá a passagem do sistema abstrato da língua para a fala ordinária dos sujeitos?

Ele parte do pressuposto de que a língua é um sistema de significações potenciais na mente do falante, que de acordo com a vivência pessoal é atualizado na fala. À esse *missing link* que conecta temporalmente a língua e a fala ele denominou “tempo operativo”. O tempo no qual o sistema potencial é atualizado na fala. Com isso, ele conferiu dinamismo à supracitada dicotomia. Posto que, cabe reiterar, o tempo operativo possibilita a temporalização do sistema de língua na mente do falante. Concomitante ao estabelecimento desse postulado surge o desafio de aplicar o método comparativo ao estudo das formações de sentido expressas na fala.

O método científico utilizado tanto na diacronia quanto na sincronia chama-se método comparativo. A diferença consiste no conteúdo que é comparado e no intervalo de tempo que divide as amostras coletadas. Na diacronia são os signos linguísticos, o intervalo de tempo abrange o momento vivido pelo cientista recuando rumo à gênese histórica da língua. Na sincronia são as regras sintáticas das línguas que são comparadas. O tempo perde destaque quando comparado à ênfase conferida ao estudo das regras da língua.

A alteração inicial efetuada por Gustave Guillaume no método comparativo foi a diminuição do espaço temporal de análise no qual os exemplos analisados são gerados. Ou seja, o tempo considerado não abrange os séculos de uso que acabaram por alterar os signos e significantes associados aos significados, investigam-se os milésimos de segundo entre o pensamento e a produção da fala. Posto que o pensamento não possa ser apreendido *per si*, a

razão de ser da teoria de Guillaume é o significado subjacente à fala e como este se articula com o ordenamento sintático.

Para ele é o estudo do significado, e não do signo ou significante, que possibilita afirmar que a língua é um sistema ordenado, dinâmico e mental. Decorarmos os signos linguísticos e conhecer a cadeia sonora de determinada língua não nos possibilita tornar comum fatos inerentes à nossa existência.

Nesse ínterim, a linguagem é vista como uma habilidade adquirida e exercitada individualmente por falantes inseridos numa comunidade linguística. A partir do momento que a pessoa interioriza o uso da linguagem, tornando-se capaz de se comunicar por meio dela, um processo reflexivo se estabelece. As significações direcionam a expressão sintática do falante, concomitante a esse processamento mental, a linguagem com suas regras e ordenamentos reconfiguram os processos mentais. Cabe ressaltar que com isso não almejamos postular um instante “mágico”, abrupto, em que o falante se torna apto à expressão linguisticizada. Pensamos que esse processo de aprendizagem se dá via jogos de linguagem, tal como definido por Wittgenstein.

Lembrando que "os jogos de linguagem são as formas de linguagem com que a criança começa a fazer uso das palavras" sendo esses jogos concatenados com uma finalidade prática. (WITTGENSTEIN, 1992, p. 47) Posterior à supracitada definição de jogos de linguagem proposta no Livro Azul outra mais abrangente foi dada nas "Investigações Filosóficas", a saber, "chamarei também de jogos de linguagem o conjunto da linguagem e das atividades com as quais esta está interligada". (WITTGENSTEIN, 1999, p.30) Com essa definição está uma das inovações do pensamento wittgensteiniano, pois com ela a barreira que separa a interpretação da execução e o processo de significação da aplicação se rompe. Dessa forma o pilar sobre o qual se apoia a teoria comum da linguagem, no qual as palavras possuiriam uma essência intrínseca que conectaria o significante ao significado é comprometido diante da argumentação wittgensteiniana de que só se pode dizer que uma regra foi aprendida quando esta puder ser aplicada.

Desse modo a questão se configura como um processo. O quadro abaixo sintetiza as diferenças na aplicação do método comparativo por pesquisadores que privilegiam a diacronia, por Saussure e por Guillaume. Ressaltamos que buscamos intensificar as “tensões” entre a diacronia e a sincronia com fins didáticos, no cotidiano de pesquisa a linha é demasiada tênue.

Método Comparativo					
Linguista	Campo de Aplicação	Duração temporal do fenômeno produzido	O que é comparado?	Forma Condicionante (Ponto Causal de Reconstrução)	Formas Condicionadas (Fenômeno Linguístico Observado)
Estudos tradicionais da história das línguas	Diacronia	Séculos	Signos linguísticos	Raiz fonética. Exemplo: <i>*fot</i>	Transformação dos signos na história. Exemplo: <i>foot</i> e <i>voet</i>
Saussure	Sincronia	Período de tempo estipulado pelo pesquisador	Línguas contemporâneas	Ordenamento da língua.	Estrutura da língua.
Guillaume	Sincronia	Milissegundos	Diferentes usos cotidianos	Sistema potencial de significados. Exemplo: Continuidade e Descontinuidade	Atualização na fala dos significados expressados (Tempo operativo) Exemplo: Uso da partícula -s.

Com a finalidade de explicitarmos o proceder de Guillaume, tomemos quatro usos cotidianos que evidenciam o sistema do número no substantivo. A argumentação presente nos

parágrafos seguintes consiste numa adaptação para a língua portuguesa do exemplo presente na obra *Language in the Mind*. (HIRTLE, 2007, p. 54-60) Nesta o autor aponta os usos do singular e plural na língua inglesa. Apesar da aproximação entre as duas línguas nos últimos séculos não é possível afirmar que a transposição de uma para outra se dá *ipsis literis*. A adaptação por nós apresentada tem como finalidade expor a lógica de argumentação subjacente à psicossistemática. Ressaltamos que ficaríamos felizes em receber os resultados da pesquisa proveniente de algum leitor que almejasse conferir a validade das reflexões aqui apresentadas acerca do uso da partícula –s na língua portuguesa falada no Brasil. Partamos da utilização do morfema –s no substantivo “cachorro” e as significações transmitidas em quatro usos cotidianos.

Exemplo 1: Cachorros são vigilantes. (sentido genérico, “todos”, descontinuidade)

No exemplo se verifica a presença da partícula –s. Na frase o sentido transmitido é que todos os cachorros, de todas as diversas raças, possuem as características que os habilitam a serem bons vigias (sentidos aguçados, bom tempo de reação, força muscular, etc).

Exemplo 2: Dois cachorros são necessários na polícia federal. (sentido “mais de um”, descontinuidade)

Neste exemplo, também se verifica a utilização da partícula –s. A sentença expõe a necessidade de aquisição de dois cachorros em um órgão institucional. O sentido subjacente ao uso da partícula é “mais de um”, ou seja, mais de um cachorro.

Exemplo 3: O cachorro é o bicho mais valente. (sentido genérico, “todos”, continuidade)

No presente exemplo, não se verifica o uso da partícula –s. O sentido transmitido é que todos os cachorros não temem o perigo, sendo intrépidos e corajosos.

Exemplo 4: Meu cachorro chama-se canelinha. (sentido particularizado, “um”, continuidade)

Neste exemplo, não se verifica o uso da partícula –s. Na presente sentença particulariza-se a identidade de um cachorro, “canelinha”. Este é detentor de características específicas que o diferencia de outros caninos.

Nestes quatro exemplos dois apresentam a partícula –s e outros dois não. Ordinariamente a partícula –s é considerada como indicador do plural, no sentido de mais de um elemento do sujeito sobre o qual se fala, tal como mostrado no exemplo 2. Em

contrapartida, a ausência dessa partícula indicaria apenas um elemento, como vimos no exemplo 4. Contudo as utilizações expressas pelos exemplos um (Cachorros são vigilantes.) e três (O cachorro é o bicho mais valente) causam estranheza, visto que ambos referem-se à todos os cachorros e em apenas um deles é utilizado a partícula –s.

Ao observarmos cuidadosamente estes dois exemplos percebe-se que, apesar deles se referirem a vários cachorros, no terceiro exemplo a categoria canina é tomada como um todo contínuo ao ser comparada aos demais animais. Já no primeiro exemplo, “Cachorros são vigilantes”, é implícita a noção de variedade na categoria cachorro. Ou seja, um traço comum às diversas raças caninas é a capacidade de vigilância. Com isso, podemos inferir que a utilização da partícula –s não se restringe a transmitir o sentido de “um” ou “mais de um”, porém um sentido de continuidade ou descontinuidade.

Categorização dos exemplos quanto ao uso ou não do –s				
Exemplos	Com –s	Sem –s	Sentido	Vivência do Falante
1: Cachorros são vigilantes.	Sim	-	Todos	Descontinuidade
2: Dois cachorros são necessários na polícia federal.	Sim	-	Mais de um	Descontinuidade
3: O cachorro é o bicho mais valente.	-	Sim	Todos	Continuidade
4: Meu cachorro chama-se canelinha.	-	Sim	Um	Continuidade

Ao comparar quatro usos cotidianos da partícula –s conseguimos tecer algumas hipóteses acerca do sistema que subjaz à produção destes enunciados. No português, de modo análogo à língua inglesa, o uso da partícula não está condicionado à quantidade de elementos referidos, e sim à percepção do falante quanto à continuidade ou descontinuidade espacial do sujeito. A utilização da partícula refere-se à significação que o falante deseja manifestar. Caso queira expressar descontinuidades entre os elementos utiliza a partícula –s, caso expresse continuidade não se utiliza a mesma.

Obviamente o falante que consegue fazer tal diferenciação nos usos têm em posse o sistema de números do substantivo da língua portuguesa, e que ao proferir uma das sentenças, que compõem os exemplos, ele o atualiza. Com isso temos que a aplicação do método

comparativo por Gustave Guillaume baseia-se nos significados que o falante almeja expressar. Partindo daí, tem-se então um método de analisar morfemas específicos:

“Observando o significado expresso por exemplos reais à luz do postulado potencial/real, imaginando uma hipótese que nos permita entender os dados. [Em seguida] Testar essa hipótese em observações posteriores com o máximo de cuidado abrangendo a maior quantidade de usos possível.” (HIRTLE, 2007, p. 63)

A técnica posicional de Guillaume – tempo operativo- nos permite observar que os significados atualizados na fala são todos condicionados pelo significado potencial, também chamado de fator explicativo ou condicionante. Dito de outra forma, um guillaumista, guiado pela unidade do signo, ao qual os diversos fatos observados estão ligados, precisa imaginar o significado potencial que explica os efeitos observados.

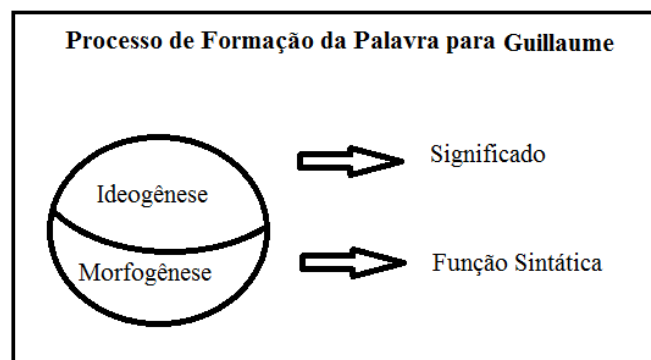
Cabe ressaltar que a forma de utilização do termo significação (*meaning*) por Gustave Guillaume é próxima do conceito de estrutura semântica desenvolvido Langacker: “O termo estrutura conceitual será aplicado indiscriminadamente para qualquer tipo de entidade (pensamento, conceitos, percepções, imagens e experiências mentais em geral), seja linguística ou não linguística. Uma estrutura semântica é definida como uma estrutura conceitual que funciona como o polo semântico de uma expressão linguística.”(1987, p. 67)

Todavia Guillaume tem o cuidado de diferenciar o significado expresso por um falante, do referente sobre o qual se fala e ainda da representação. Seu foco de atenção inclinar-se-á para a representação que, segundo ele, é o início do ato de fala. Didaticamente o fim ocorre quando se dá a tradução do significado da sentença proferida na mente do ouvinte. Ao introduzir a dimensão temporal operativa aos sistemas gramaticais Guillaume foi levado a concebê-los como inerentemente operacionais. Sua análise dos diferentes sistemas demonstra que mesmo sobre uma base sistemática, sua estrutura, a linguagem é algo dinâmico.

Sob os pressupostos da psicossistemática as classes gramaticais adquirem outra tonalidade. Por exemplo, inerente ao uso do substantivo está a vivência pessoal da noção de espaço. Como vimos, subjacente ao uso da partícula –s está a noção de continuidade e descontinuidade, enquanto que na utilização do verbo a vivência que subjaz é a do tempo, como veremos a seguir. Nas palavras do linguista: “a língua é como um universo ideia expansivo inconscientemente categorizando o que quer que surja em nossa experiência e pronta a representar isso linguisticamente caso desejemos falar sobre isso.” (GUILLAUME, 1984, p. 157)

Uma ressalva quanto às palavras do linguista é o seu uso do termo “inconsciente”. Este não é feito considerando o contexto psicanalítico. Sua utilização sublinha a característica da fala como um processo que após internalizado funciona continuamente. O linguista tratará de uma instância pré-consciente, mas não de uma inconsciente. Para ele o sistema gramatical é o potencial dinâmico para processar uma série de operações a fim de produzir palavras que comporão sentenças que expressarão a experiência de um sujeito. Diferente da concepção de Jakobson (1993, p. 57) que afirma que o falante “seleciona palavras” de seu “estoque de léxicos”, Guillaume defende que a palavra não é um item pronto em um inventário, análogo a um livro em uma instante. Ele a define como um produto resultante de ordenamento e reconstruído a cada ocasião que antecede o proferimento de uma sentença.

A palavra possui existência efêmera constituindo-se num processo, o qual resulta em determinado produto linguístico. À esse processo pré-consciente de representação, o linguista confere o nome de lexigênese e o divide em duas etapas, saber, ideogênese e morfogênese. À primeira concerne a significação (semas), as ideias a serem expressas linguisticamente. À segunda etapa concerne a junção de uma forma gramatical ao significado, direcionando dessa maneira a posição ocupada pela palavra na frase. Em resumo, dois processos se integram na operação de formação dos léxicos. Nas suas palavras: “Sinergia de duas ideações, a ideação nocional e a ideação estrutural ou de estrutura”. (GUILLAUME, 1992, p. 47)



Devido ao aspecto gramatical uma palavra pode completar uma função numa sentença em construção. Por exemplo, se uma sentença, em processo de atualização, necessita de uma palavra que assuma o papel específico de predicação, então o componente lexical da palavra fundamenta-se no tempo, modo e pessoa. Assim um verbo é selecionado, o qual tem a função de predicar algo acerca do sujeito. Por outro lado, se é necessária uma palavra que represente o assunto referido pela sentença (“de quem se fala”) seu sentido lexical deve ser categorizado

por meio das variáveis gênero e número. Dessa forma, um substantivo ou pronome é selecionado, visto que estes podem assumir o papel de sujeito. Ou ainda, caso se necessite de uma palavra que represente o relacionamento entre um substantivo e outra parte da sentença utilizamo-nos de um lexema que gere uma preposição. Assim, cada parte do discurso (palavra) pode potencialmente desempenhar funções sintáticas específicas, sendo o sistema de formação de palavras o mais geral e básico dos sistemas, organizando e direcionando as relações sintáticas.

Tomemos como exemplo o vocábulo andar. Inerente ao seu uso cotidiano está o significado de deambular. Entretanto essa mesma palavra pode compor uma sentença exercendo a função de substantivo ou verbo. Usado como substantivo assume a forma: “O *andar* da jovem é gracioso”. Utilizado como verbo, “Ela *andou* quinhentos metros”. Em ambos, o sentido que se apresenta na mente dos ouvintes é o de locomoção. Todavia, no primeiro exemplo o sentido expressa-se na forma substantivada. A capacidade de movimentar-se é tomada como uma coisa, ou seja, de forma consubstancializada. Ao exercer a função sintática verbal o sentido de locomover-se é acrescido da noção de tempo, de um ato que transcorre. Como dito, o significado que o falante almeja expressar direciona o tipo de função sintática exercida pela palavra em uma sentença.

O fenômeno do ato falho corrobora a flexibilidade no processo de formação das palavras. Um exemplo disso apresenta-se no ato falho proferido pelo analisando de Freud conhecido como o Homem dos Ratos. (FREUD, 1909, ESB, vol. X, p. 152) Durante o processo associativo Ernst se confunde com as formas de tratamento que estabelecem a relação médico-paciente. Ao invés de dirigir-se ao seu analista por meio de um Dr. Freud, Sr. Freud., ou ainda, Professor Freud, o analisando produz a expressão “Sr. Capitão”. A direção de sentido que subjaz a todas essas possibilidades de tratamento é a mesma: uma figura de autoridade.

Contudo observa-se a ocorrência de uma alteração no tipo de substantivo utilizado. A palavra “Freud” é definida como um substantivo próprio, um nome próprio. Enquanto que a palavra “capitão” é categorizada como um substantivo comum. O que diferencia um substantivo próprio de um comum é a extensão dos significados abrangidos, ou melhor, a amplitude representacional e referencial que evoca. Desse modo, características específicas que denotam as particularidades de Freud como uma figura de autoridade (fundador da psicanálise e escritor, por exemplo) foram suprimidas.

Nesta formação do inconsciente verifica-se a atuação da censura em conluio com os mecanismos de deslocamento e condensação. Tal associação cataliza a perversão da pulsão pela linguagem, bem como o falseamento exercido pela mesma nos sintomas neuróticos. Haja vista que a manifestação do desejo inconsciente não transcorre de maneira direta, sendo efetivada após inúmeros processos simbólicos que falseiam esse conteúdo latente. Sob o enfoque da teoria guillaumiana pode-se localizar esse falseamento na etapa da morfogênese. Na atribuição de uma função sintática à significação latente.

O deslocamento que culminou na alteração do substantivo favoreceu a defesa do Eu de Lanzer contra os afetos eliciados na transferência com o médico vienense. Os significados “autoridade” e “cruel” que posteriormente surgem na associação livre do analisando compõem uma solução de compromisso a partir da qual o sintoma emerge. Poder-se-ia definir o aparelho psíquico como um combinado de três sistemas qualitativos - instâncias Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente - motivados pela pulsão e que tem como resultante uma direção pática existencial. Ou seja, a forma como essas instâncias se configuram caracterizam um processo de estruturação psíquica e personação. Devido à atualização transferencial do conflito edipiano de Lanzer, a pessoa do analisando, “Eu”, provoca um conflito com a pessoa do analista, o “Tu” de Freud.

O processo de livre associação proposto por Freud como o método principal para a interpretação das formações do inconsciente dá acesso às singularidades dos caminhos encontrados pela pulsão ao longo do desenvolvimento psíquico do analisando. Bem como permite localizar os momentos em que a língua favorece os mecanismos de defesa. O trabalho terapêutico realizado por Freud e Lanzer nos permite afirmar que a significação, ideogênese, subjacente à palavra “capitão” vincula-se ao desejo (*Wunsch*) inconsciente e ao conflito pulsional.

2.3 Significação, a ponte entre linguística e psicanálise

A proximidade entre desejo (*Wunsch*) e pulsão (*Trieb*) emerge quando se observa dois sinônimos utilizados na língua alemã para o vocábulo desejo: “*Lust*” e “*Berdrfnis*”. O primeiro é tomado como satisfação, enaltecendo as conotações gerais de sensualidade. O termo expressa uma forma de querer no sentido de estar com vontade de fazer algo. O sinônimo “*Lust*” nos remete ao componente pulsional “pressão” (*Drang*), o qual é definido

como o fator dinâmico da pulsão. Este, conforme vimos no capítulo 1, marca a diferença de potencial entre o polo impelente (intenso querer) e o polo atrator (memória de imagens de alívio) caracterizando, como seu nome indica, a pressão energética que demanda satisfação. O vocábulo “*Bedürfnis*” pode ser traduzido como necessidade, a qual nos remete ao apoio da pulsão sobre as funções de autoconservação, tal como a nutrição.

Por evidência é impossível dissociar o brotar de significados eliciados pelo uso de um lexema, seus processos de formação e enunciação, do trabalho interpretativo. Entre a palavra e a direção de sentido da interpretação ocorre um duplo movimento de particularização, via lexema, e generalização, por meio da interpretação. A interação entre as significações manifestas pelas palavras e o brotar de significações durante a interpretação das formações do Inconsciente é apontada na definição atribuída ao conceito de interpretação por Laplanche & Pontalis (1983, p. 245) que afirmam:

“Destaque, pela investigação psicanalítica, do sentido latente nas palavras e nos comportamentos de um sujeito. A interpretação traz à luz as modalidades do conflito defensivo e, em última análise, tem em vista o desejo que se formula em qualquer produção do inconsciente”

A relação da interpretação (*Deutung*) com a significação que emerge desse processo não consiste num trabalho cartesiano que dissocia a mente do corpo. O trabalho interpretativo e de confronto com as significações é um trabalho corporal. Os linguistas Saussure e Guillaume destacam o papel desempenhado pelo aparelho fonador na enunciação da fala. Com a psicanálise confere-se ênfase não somente à região oral e adjacências, tal como a garganta e diafragma, todo o corpo é visto como permeado simbolicamente pela linguagem e passível de erogeneidade. Sendo, dessa maneira, a pulsão o elemento que se configura como fronteira entre o corpo estrutural (*Korp*) e o corpo vivido (*Leib*). Nesse ínterim a interpretação é um caminho que permite o desvelar das significações associadas às representações pulsionais.

O discurso tomado como um todo organizado que aponta para um fim e que trata de um objeto, nos leva a uma analogia deste com a direção pática assumida pelo Eu durante sua existência. Subjaz à noção de discurso um objeto sobre o qual se fala. Em nossa analogia o objeto do discurso é o Eu que fala sobre si. Sublinhamos o fato de que por mais que na superfície o Eu fale sobre outras pessoas ou acerca do mundo que o envolve é sempre sobre algum aspecto de si que fala. Desse modo, o fim do discurso seria a morte. No contexto clínico a escuta do discurso falado pelo analisando caracteriza a busca do analista de,

empaticamente, compreender o rumo tomado por ele na vida. Qual seria o gênero de seu discurso? Uma poesia, uma comédia ou talvez um drama.

Ou seja, ao se fazer uma analogia entre o discurso falado e a direção pática assumida na vida, pode-se fazer uma correlação entre as possibilidades de criação literária e os grandes destinos páticos. Seguindo as categorias: timopáticas, neuroses, perversões e psicoses. Todavia adentrar este campo seria devagar em demasia, a seguir deter-se-á em três níveis que apoiam esta analogia. O discurso como caminho pático, a frase como ato sintomático e a palavra como reveladora das significações que se relacionam às representações coisa e palavra.

As frases que compõem o discurso, em nossa alegoria, concernem aos atos sintomáticos, tal como a classe gramatical desempenhada pelo ato falho por nós estudado. Ou seja, a função sintática desempenhada pela palavra. A relação da frase com o ordenamento sintático evidencia o atravessar da linguagem nas operações de significação. Em outras palavras a sobreposição da ordem linguística, transmitida culturalmente via jogos de linguagem, sobre a ordem vital do soma. Esta com suas regras construídas ao longo da história filogenética. O transpassar da língua no aparelho pulsional vai além da analogia, configurando-se como intrínseco ao próprio funcionamento da pulsão nos humanos. Nas palavras de Hanns:

“A especificidade humana é que as pulsões aderem a representações e afetos organizados como linguagem, de modo que o conflito pulsional se expressa na dimensão humana como desejos opostos que englobam as camadas anteriores e estão ancorados na história biológica, sendo determinados não só por esta, mas também por significações.” (EPSI, vol. I, p.140)

Haja vista a particularidade da pulsão como um conceito fronteiro entre o somático e o que é representado na mente, Freud, em seu esforço de definir a pulsão, aponta para o caráter indissociável da tríade, soma, significação e linguagem. Esta citação nos remete à interação entre a energia vital do soma e a função organizadora da língua no psiquismo, limitando e dirigindo o afluxo pulsional. Cabe ressaltar que a influência não é unilateral, o que transcorre, agora sob a ótica da pulsão, é o investimento de representações, algumas delas vinculadas à palavra. À essas representações Freud dá o nome de representações palavra.

Nocionalmente o conceito de representação palavra relaciona-se à verbalização, à representação acústica e à tomada de consciência. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1983,

p.585) Sob uma visão tópica localiza-se nas instâncias Pré Consciente e Consciente. Concomitante à definição de representação palavra Freud delimita o conceito de representação coisa, a qual se refere ao esquema da coisa no psiquismo, sendo essencialmente visual.

A diferenciação entre os dois tipos de representação aponta para as diferenças de funcionamento entre as instâncias psíquica Inconsciente, Pré-consciente e Consciente. Ao inconsciente concernem as representações coisa e, como dito, às instâncias pré-consciente e consciente as representações palavra. A organização tópica das representações coisa e palavra não indica apenas uma diferença qualitativa, indica a atuação, respectivamente, das regras do processamento primário e secundário. Bem como a sobreposição do segundo no primeiro, pois para que uma representação coisa, vinculada ao traço mnêmico infantil, alcance a consciência é necessária a associação a uma imagem verbal. Ou seja, uma representação coisa apenas se presentifica na consciência quando avaliada pelo crivo da censura e formatada pelo sistema sintático.

A associação da teoria guillaumiana com a teoria tópica freudiana confere precisão à observação da forma como, por meio do significado, as representações coisa são ordenadas pelo sistema de fala e, posteriormente, expressam-se em frases e enunciados por meio das representações palavra. Com isso, respeitando os devidos limites epistemológicos, constatamos que o processo de formação da palavra evidencia os processos de formação de compromisso no sintoma do ato falho. Vejamos outro exemplo clínico retirado do extrato do caso do Homem dos Ratos, mais uma vez tomar-se-á como base a significação que emerge da associação livre do analisando, todavia, ressaltar-se-á o emergir da vivência corporal recalçada e a anexação desta pela representação palavra. Antes disso, passemos a palavra ao psicanalista Laplanche.

“Os gestos, o seio, o sorriso de uma mãe são significantes não verbais que o sujeito tenta traduzir (sobrando um resto) em outras linguagens, inclusive na linguagem verbal. Esta reina na cura, mas não é porque Freud traduz a mímica do homem dos ratos em palavras que esta estivesse de imediato impregnada de palavras.” (1988, p. 123)

O ano de 1907 marca o período mais intenso das obsessões e compulsões na vida adulta deste analisando. Foi neste ano que transcorreram as situações que o levaram a ficar conhecido como o Homem dos Ratos. Esta alcunha foi acrescida ao seu registro clínico por conta do impacto causado pelo relato de uma tortura chinesa, na qual um rato é introduzido no

ânus do torturado. A tortura foi narrada em tom de suspense pelo capitão Nemecek aos seus companheiros de armas durante um intervalo nas manobras militares.

Ao descrever a tortura dos ratos para seu analista, Lanzer reluta e pede para Freud que o poupe do sofrimento. Freud afirma que poupá-lo está além de suas possibilidades como analista, mas que iria auxiliá-lo dentro de suas capacidades de inferência. Ernst retoma seu relato assumindo uma expressão que misturava prazer e dor. As feições marcadas em sua face remontavam à vivência infantil da zona erógena anal, os vermes observados nas fezes de um primo e à dúvida se as crianças nasciam durante o ato de defecar da mãe. A própria agressividade foi o algoz que o tornou cativo do relato da tortura feito por seu capitão. A pulsão hostil direcionada para o pai, bem como a identificação do analisando com este dificultavam o avanço na associação livre. A intensa carga de afeto que investia as representações inconscientes gerava grande pressão no psiquismo de Ernst, dando trabalho para a censura que lutava por manter o conteúdo recalcado afastado da consciência.

A associação livre do analisando cessa quando este ia dizer onde os ratos eram inseridos Freud em seguida tenta adivinhar e oferece um lexema: “ânus?”. Esta representação palavra ressoa no psiquismo de Lanzer associando-se às significações atreladas às representações coisa, levando-o a responder afirmativamente e retomar a associação. A interferência freudiana abre caminho para que o analisando se permita falar sobre a própria vivência corporal. Posteriormente, Ernst segue o exemplo de seu analista falando de maneira mais explícita acerca de seus temores e agruras, anteriormente vivenciados de forma solipsista. (FREUD, 1909, ESB, vol. X, p. 150)

Como dito, o saber psicanalítico atribui às representações palavra as instâncias Pré-consciente e Consciente. A fim de lidar com a exigência científica de causalidade, o linguista Gustave Guillaume também pressupôs a existência de uma instância mental pré-consciente. Nesta o pensamento é formatado pelo sistema de língua, possibilitando o emergir de palavras e sentenças que visam representar a vivência do falante. Diferente dos métodos científicos das ciências naturais, na psicossistemática, por evidência não é possível prever os atos que serão proferidos pelo falante. Guillaume almejava entender a forma como um pensamento era limitado pela fala, a maneira pela qual o indizível da experiência era expresso de forma inteligível por meio de uma sentença. Nas Palavras do linguista:

“Pensamento é livre, completamente livre, ilimitado em seu livre e ativo desenvolvimento, mas os meios em que isso pode ser apreendido são sistematizados, organizados e numericamente limitados; a linguagem provê um quadro desses meios por via de sua estrutura subjacente. Na fala – considerada em sua característica reflexiva – o observador cuidadoso descobre os mecanismos que o pensamento utiliza para se compreender. Esses mecanismos pertencem a um sistema, o estudo do que constitui um novo ramo da linguística que eu chamo psicossistemática da linguagem.” (GUILLAUME, 1984, p. 51-2)

Demarcando os limites semiológicos, percebemos que a concepção guillaumiana de um sistema de fala presente na mente encontra seus *loci* correspondentes nos sistemas Pré Consciente e Consciente definidos por Freud. Sob um viés psicanalítico a forma com que utiliza a categoria “pensamento” permite relacioná-la aos atos mentais provenientes do amálgama das representações coisa, “o pensamento é livre”, com a representação palavra, “os meios em que isso [o pensamento] pode ser apreendido são sistematizados”. Em outras palavras, inferimos que a observação do fenômeno de reconfiguração de um processo caracterizado pela fluidez e mobilidade por meio das normas sintáticas é comum a ambos os campos. Todavia, o esforço terapêutico, as consequências para o estudo do pensamento, bem como as alterações na fala provenientes do retorno do material recalcado são estritos ao saber psicanalítico. O quadro abaixo compara as instâncias psíquicas delimitadas por Freud e o processo de atualização do sistema de língua na mente dos falantes concebido por Gustave Guillaume:

Comparação entre aparelho psíquico de Freud e mecanismo de fala na mente em Guillaume	
ICS – Energia livre, processo primário, representação coisa, representante ideativo (pulsional).	PCS - Pensamento Livre.
PCS – Processo secundário, representação palavra, sistema de linguagem.	PCS - Sistema da língua na mente. Regras sintáticas reconfiguradas pelo significado.
CS – Atuação corporal e/ou linguística.	CS - Atualização do Sistema Potencial, fala.

Outra forma de apreender os limites entre as teorias guillaumiana e freudiana é conceber as noções de ato inerente às mesmas. Guillaume tem como foco o ato linguístico de atualização. Ou seja, ele postula a posse das significações subjacentes ao sistema de língua e a subsequente atualização por meio de sentenças na fala cotidiana. Configura-se em um ato linguístico, executado em determinada comunidade, ou ainda, em determinada forma de vida caso queiramos utilizar um termo wittgensteiniano. Freud tem como foco a configuração dos atos mentais apoiados nos atos e vivências corporais. Todavia sua interpretação abrange aspectos comunicacionais que não se restringem à língua, como vimos no momento em que Lanzer relata o suplício dos ratos. Este comunica sua vivência corporal apesar de não expressá-la, inicialmente, pelo sistema de fala. Haja vista suas expressões faciais de prazer e dor. O foco psicanalítico abrange a maneira como os atos cotidianos (físicos, mentais e/ou linguísticos) evidenciam as soluções de compromisso por meio das quais o desejo inconsciente emerge.

Comum à aplicação do método comparativo à sincronia da fala e a interpretação no contexto clínico é a importância do ouvinte, linguista ou clínico, assumir o ponto de vista do falante a fim de extrair a vivência representada linguisticamente. *Mutatis mutandis*, a empatia se torna imprescindível em ambos. “Assumir o ponto de vista do outro traz implícito a concepção de que existe algo do significado não restrito à sentença proferida, ou seja, concebe-se que o discurso é acerca de uma experiência.” (HIRTLE, 2007, p. 97) Para o linguista é a condição para o entendimento do ordenamento dos significados, para o psicanalista é o apoio necessário à livre atenção flutuante. Sendo partilhado por ambos é a preocupação com o conteúdo que é atualizado na fala, via tempo operativo.

O constante processo de atualizar é indicativo do esforço de troca com o mundo – alteridade - e consigo mesmo - ipseidade. No primeiro há o esforço para compartilhar uma vivência interior ou proveniente do relacionamento com o que “está fora”. Nesse âmbito, a sentença se configura como o produto do processo real de linguagem, o qual é atualizado pelos falantes com o intuito de representar algum conteúdo de experiência que se queira comunicar. A ipseidade evidencia-se pelo fenômeno de que quando falamos, seja em voz alta, por meio do aparelho fonador, ou em voz baixa, apenas no pensamento, também ouvimos a nossa própria voz e somos impactados pelos significados que, muitas vezes, ignoramos acerca de nós mesmos. Nesse âmbito a sentença se configura como um espelho de nossa fantasia e dos compromissos que assumimos ao longo da vida. Imprescindível é a atuação de um Eu consciente que reflete acerca da própria existência.

Nesse contexto a língua assume a função de principal meio constituidor por meio do qual se tem acesso aos pensamentos e sonhos da pessoa. Inerente a ambas as teorias está a noção de movimento e de um Eu “em se fazendo”, constantemente, à medida que experiencia a vida e a morte. Guillaume pressupõe que o caráter dinâmico da língua e, conseqüentemente o sistema de partes do discurso, fundamenta-se na oposição da vivência do universo-espaço e do universo-tempo por parte da pessoa.

A universalidade dessas duas categorias foi apontada por Kant (1994, p.153), que os considerou como dois fatores que independem da experiência e que relacionam e unificam os conteúdos empíricos, ordenando-os no espaço e no tempo. No taoísmo essas duas categorias também são fundamentais, ao espaço é correlacionada a terra, devido ao contato com os objetos no mundo que nos cerca. Enquanto que à categoria tempo atribui-se o céu, devido à observação da passagem das constelações e do movimento do Sol. No sistema de língua a vivência do espaço e do tempo é representada, respectivamente, pelo substantivo e pelo verbo.

A discussão apresentada no início deste capítulo acerca do sub sistema de número no substantivo é um indicador do motivo pelo qual Guillaume define o substantivo como uma “palavra-espaço”. Subjaz à noção de continuidade e descontinuidade a vivência de um objeto que ocupa determinado espaço de forma ininterrupta ou interrupta. Enquanto que o substantivo traz a impressão de algo ocupando certo espaço, o verbo traz a ideia de algo ocupando tempo. Ou melhor, traz a vivência do transcorrer de uma série de atos.

Aristóteles (1999, p. 62-3) diferencia o “nome” do “verbo” afirmando que o primeiro é “sem tempo” e o segundo é “com tempo”. Sua categoria nome abrange as classes gramaticais substantivo e adjetivo. A fim de exemplificar a característica qualitativa de possuir ou não tempo ele afirma que as palavras “homem” ou “branco” não eliciam a noção de quando. Contudo, caso expressemos as palavras “anda” ou “andou”, fazemos emergir na mente as significações adicionais de tempo presente, por um lado, e de tempo passado por outro. Ou seja, evocam a noção temporal de quando um evento ocorreu no tempo.

Outra definição apresentada por Aristóteles acerca do verbo evidencia a relação deste com o nome. Vejamos, “verbo é o que significa adicionalmente o tempo, e nenhuma parte dele significa algo isoladamente. Ele é signo das coisas que são ditas de outro” (*idem*) Dizer que ele não significa algo isoladamente indica que ele predica acerca de algo. Esse “algo” consiste no substantivo ou nome que compõe o núcleo do sujeito.

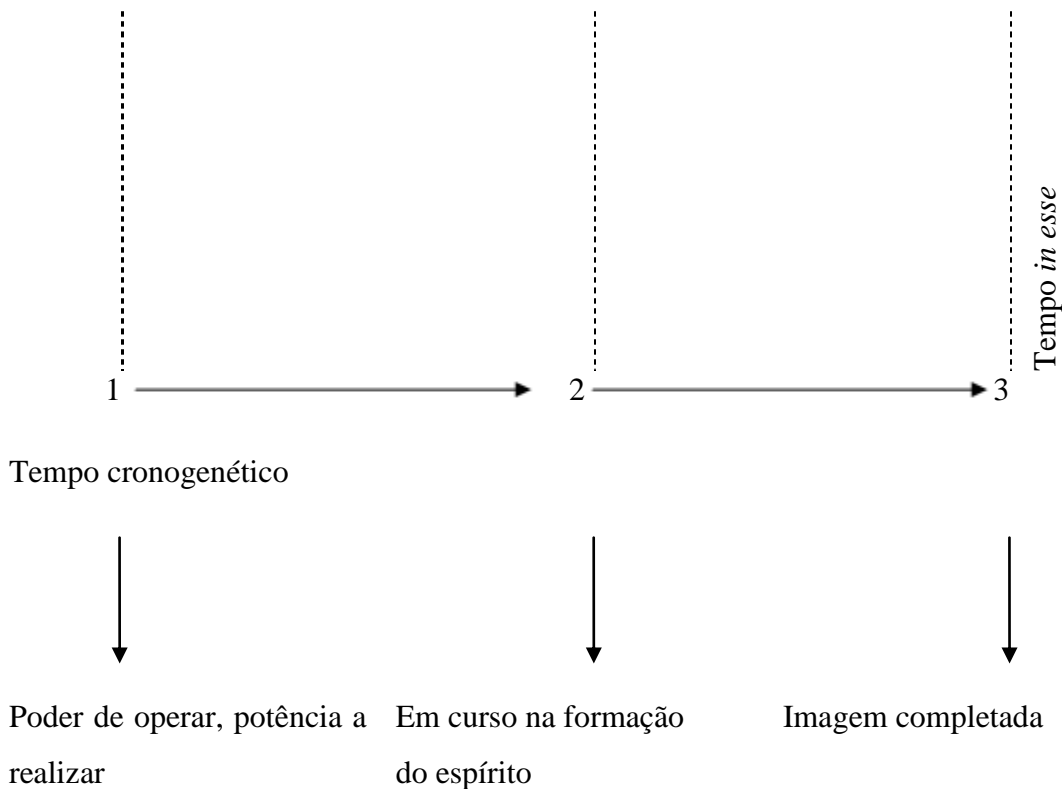
Ou ainda, sob a ótica da pessoa que reflete acerca da própria existência, a categoria tempo fala sobre as transformações que transcorrem no espaço vital do próprio corpo. Como dissemos independente do que a pessoa fale, ela sempre fala algo sobre si mesma, seja pelo ângulo do Eu, seja pelo da identificação. Desse modo, quando tomamos o caráter primário da vivência espacial do próprio corpo pulsional, o verbo trata dos atos que transcorrem no soma. Dessa maneira, afirmamos que é intrínseco ao uso da classe gramatical “verbo” a vivência dos ciclos energéticos do corpo.

Guillaume chegou à mesma conclusão de Aristóteles por uma via relativamente diferente. “A noção de linguagem como algo dinâmico implica movimento, atividade ou processo. O uso do termo operação e seus cognatos (com mesma raiz) operativo, operacional e operatividade sugere um movimento com um objetivo particular e uma meta definida. Um processo com início, meio e fim.” (HIRTLE, 2007, p. 74) Tal processo justifica a ideia de um mecanismo de fala temporalizado na mente. Decorrente das pesquisas acerca do caráter processual da atualização linguística, este cientista estudou como se configura na mente a noção de temporalidade. Fato que o levou a esquematizar as etapas desse processo de atualização, por ele denominado, cronogênese.

Conforme vimos o mecanismo de cronogênese é composto por três momentos. (GUILLAUME, 1945, p. 13) A primeira etapa denomina-se tempo *in posse*, e consiste no fato do sujeito possuir o significado da capacidade representada pela palavra que será atualizada. Por exemplo, no início a criança possui a capacidade de pegar, posteriormente com a aquisição da linguagem ela consegue utilizar o verbo “pegar” no sentido que é compartilhado pela comunidade linguística na qual está inserida. Ou seja, ela tem *in posse* a significação inerente ao uso do verbo pegar. A segunda etapa denomina-se tempo *in fieri*, em se fazendo, e caracteriza-se pelo transcorrer de um ato, nesse caso do movimento de atualização que culminará na produção de uma sentença. Levando em consideração que esse processo não é uma seleção num arquivo de léxicos, e sim um movimento criativo da mente, esta segunda etapa também inclui o defrontar-se com as diversas possibilidades de atualização. A terceira etapa denomina-se tempo *in esse*, do latim feito ou concluído, e concerne ao tempo de conclusão do ato mental de atualização.

Posteriormente, Guillaume (1945, p. 20) averiguou que o sistema do verbo é o responsável por representar esta mesma vivência temporal de um ato que se atualiza. Ele parte da capacidade de atualização linguística na fala e em seguida percebe que essa noção de

movimento subjaz ao uso cotidiano das formas gramaticais verbais. Dito em outras palavras o sistema do verbo representa a percepção de um ato que se inicia, transcorre e se completa. Disso provém a correlação dos tempos *in posse*, *in fieri* e *in esse*, respectivamente, com os modos verbais quase nominais, subjuntivo e indicativo. Uma ressalva, o modo quase nominal abrange as formas infinitivas, particípio presente e particípio passado. A particularidade da nomenclatura desse modo se deve ao fato dos verbos nesse modo serem tomados “quase” como se fossem um substantivo, um nome. Sob a ótica dos modos verbais vejamos como a cronogênese se amplia.



Em potência	Em devenir	Em realidade
Modos: Quase Nominais	Subjuntivo (o virtual)	Presente (o atual, constatável)

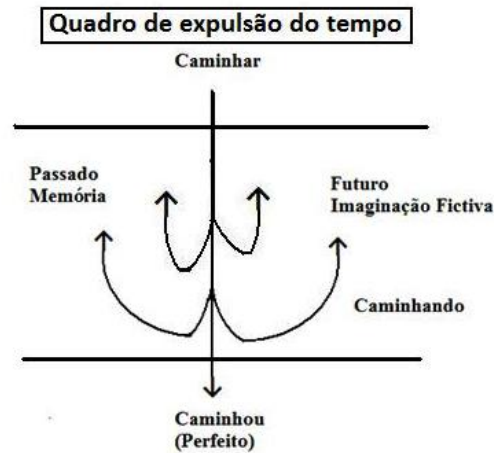
Nesse contexto, existe uma analogia entre a execução de um ato físico e o ato mental de atualização gramatical. Por exemplo, uma criança que tem a capacidade de andar, porém se encontra parada estaria no tempo *in posse*. Em seguida ela inicia um movimento em direção a um brinquedo, ela está andando, o movimento está *in fieri*. Ao alcançar o brinquedo (objeto) ela para completando o ato, encontra-se no tempo *in esse*.

Agora no processamento mental, um sujeito que executa a atividade de deambular e almeja compartilhá-lo por meio da fala. Partamos do princípio de que o falante tem *in posse* o sistema de fala, no qual o sujeito “eu” é um dêitico marcador de pessoa, o sistema do verbo indica o movimento e o complemento verbal diz algo acerca do verbo. Nessa situação, à ideia que será transmitida acoplar-se-á um designativo sintático, o qual ordenará a sentença proferida, no tempo *in fieri*. O tempo *in esse* se apresenta quando o andarilho diz “Eu (sujeito) andei (verbo) 5 metros (complemento)”.

Tal como Freud, consideramos que “no princípio foi o ato” (FREUD, 1913, ESB, vol. XIII, p. 162) e que só posteriormente foi estruturado o processo de elaboração secundária, de censura e de auto expressão por meio da linguagem. Após a interiorização do sistema de fala essa capacidade é acionada pelo sistema Pré-Consciente de forma efetiva. Como afirmou o professor Francisco Martins em um de seus seminários, o Eu humano é o último a se formar e o primeiro a contar a história (“Eu andei...”). No sentido de que ao se expressar gramaticalmente usa-se o pronome pessoal “Eu”. Tal como vimos no exemplo freudiano de um organismo que inicia diferenciando estímulos internos e externos e desenvolve, por meio do conflito com o mundo, a capacidade de se expressar simbolicamente.

Nesse contexto, papel de destaque é conferido ao presente. Todavia, os demais tempos verbais, não foram esquecidos. Vejamos como o linguista concebeu a interação entre estes tempos durante o processo de formação da imagem mental dos mesmos.

“No começo, o presente era tudo, ele continha nele mesmo o tempo *in extenso*, a experiência do tempo. Obedecendo a sua lei de estreiteza, ele se estreitou progressivamente, e por este estreitamento, ele expulsou dele mesmo, dos dois lados dele mesmo – a expulsão é bilateral (§ 8) – o tempo contido em excesso. É desta expulsão bilateral que nascem o passado e o futuro. O passado é o tempo que o presente que se estreitando rejeita para fora dele mesmo do lado da memória. O futuro o tempo que o presente se estreitando rejeita fora de si do lado da imaginação. As línguas, de uma maneira geral, procuraram, e frequentemente encontraram, um equilíbrio que satisfizesse estes dois movimentos expulsivos.” (GUILLAUME, 1945, p. 35)



O quadro acima exemplifica o que foi ensinado pelo linguista. A partir da expulsão para o passado é gerada a memória, enquanto que da propensão para o futuro é configurada a imaginação e o âmbito fictivo hipotético. Desse modo, a partir de um processo de atualização no presente, o âmbito virtual, também chamado *irrealis*, é configurado. Este âmbito abrange os diversos atos mentais categorizados como hipótese e ficção. Sendo representados pelos verbos no modo subjuntivo.

Ressaltamos que na semiótica de Peirce tem-se que o caráter de responsividade da qualidade definida como segundidade se correlaciona com o passado. À qualidade semiológica terceiridade o precursor da semiótica atribuiu, por sua vez, o tempo futuro. Dessa forma, constata-se que ambos, linguista e semioticista, chegaram às conclusões próximas. Pensamos que isso se deva à certeza conferida por um ato que foi atualizado, tornando-se passado, e à característica humana de refletir acerca dos impactos que a atualização desse ato pode ter para seu devir. Ou seja, entrava-se um relacionamento dialógico com um ato que se tornou passado.

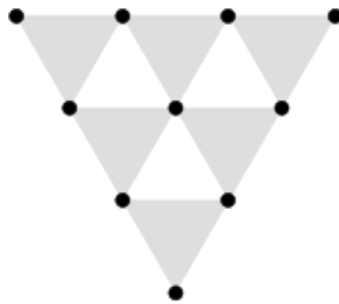
Quanto à relação entre o tempo futuro e os processos simbólicos de terceridade, pensamos que a proximidade entre ambos está na faculdade humana de deslizar entre a particularização e generalização. Haja vista que para que esse movimento se efetive é necessária a capacidade de “manusear” representações cujos objetos materiais não se apresentam, necessariamente, no imediato da percepção corpórea. Sendo a linguagem o principal meio constituidor desse jogo de manusear representações.

No plano da mente nada mais é concreto. A asserção que compara coisas com ideias mostra que as coisas pertencem à *res extensa* enquanto as ideias ao *res cogitans*. Na asserção

clássica tem-se que as coisas impedem uma as outras enquanto que as ideias seguem no fluir. A mente que é mediada pela linguagem por conta da sua dupla operação de generalização e discriminação tende ao infinito logo que desconectada da atividade da percepção imediata. Já a percepção, é finita e estabilizadora. Existe dessa maneira, via a linguagem, a relação entre o concreto e o abstrato.

Estabelece-se assim um duplo movimento que vai do particular ao geral e deste ao ato específico no presente. Gustave Guillaume é categórico ao afirmar: “O abstrato é o concreto múltiplo”. (GUILLAUME, 1984, p. 35) Esta asserção sintetiza a dupla potencialidade da linguagem, a saber, a simbolização (abstração) e a denominação (substantivação). A Tetraktys pitagórica nos auxiliará a visualizar o enunciado guillaumiano. Vejamos:

Universal Abstrato



Particular Concreto

O ponto inferior na base da Tetraktys, particular concreto, representa um substantivo. Por exemplo, uma uva. O processo de metaforização ocorrido ao longo da história associou diversos significados à essa fruta. Alimento representativo do deus Dioniso, comemoração, prosperidade, a matéria prima para produção de vinho ou ainda, em certos regionalismos, uma mulher bonita. Estes significados foram atribuídos pelas diversas culturas que tiveram contato com o fruto. Todavia, cabe ressaltar que mesmo a função de nutrição particular a esse alimento difere nas significações atribuídas por um “animal instintual” e um “animal pulsional”. Obviamente que chegamos ao limite da inferência, visto que os animais não demonstram o funcionamento simbólico dos humanos, os quais se expressam por meio de sons ordenados sintaticamente. Estas significações metafóricas correspondem ao âmbito abstrato da linguagem. Em nossa figura pitagórica correspondem aos diversos pontos inseridos a partir do segundo nível do triângulo. Uma ressalva, caso façamos uso de uma

noção expandida de metáfora, considerando-a como o processo de simbolização no qual uma cadeia de sons passa a representar um referente, o próprio termo “uva” seria uma metáfora.

Desse modo, o movimento de abstração possibilitado pela linguagem é composto por diversos atos contínuos, nos quais cada significado corresponde uma nova quantidade de abstração. Daí que o abstrato é o concreto múltiplo. Nesse contexto a imagem da *Tetraktys* mostra o resultado de uma sequência de operações. Uma seriação na qual remanesce ainda algo de motor no psíquico, conforme experienciamos sequencialmente cada signo se apresentando na mente. Dessa forma, o pensar linguisticizado é mais que seriado, ele é ordenado gramaticalmente.

Nesse ínterim cabe evidenciar o papel do Eu humano, visto que é ele que gerencia esse duplo movimento da linguagem. Conforme vimos os processos simbólicos de terceiridade são intrínsecos à formação do Eu. Nas psiconeuroses narcísicas, por exemplo, a relação Eu-Tu encontra-se comprometida devido ao fato do investimento libidinal ser retirado dos objetos e direcionarem-se ao Eu. Concomitante a esse processo tem-se a desestruturação do Eu e a reconfiguração da forma com que o psiquismo atua por meio da linguagem.

No contato com esses pacientes é comum nos depararmos com um fala rebuscada que peca pela falta de organização estrutural entre os vocábulos, fato que leva os ouvintes mais apressados a afirmarem que a fala desses pacientes é destituída de sentido. Outro ponto que causa estranheza é a maneira com que esses pacientes referem-se ao próprio corpo e aos órgãos que o compõem - as metáforas são utilizadas de forma dessimbolizada. Segundo o velho adágio as palavras são tratadas como coisas. As representações palavra são tratadas segundo as regras do processamento primário. A *hybris* no destino páthico esquizofrênico reitera a indissociabilidade do fenômeno “Eu” dos processos simbólicos da linguagem. Como veremos na citação a seguir, para Kierkegaard, o Eu humano é uma síntese autoconsciente de infinito e de finito, da vivencia temporalizada e do que a transcende.

“Quando dois termos se relacionam, a própria relação entra como um terceiro, como unidade negativa, e cada um daqueles termos se relaciona com a relação, tendo cada um existência separada no seu relacionar-se com a relação... se a relação se conhece a si mesma, esta última relação que se estabelece é um terceiro termo positivo, e temos o “eu”” (2006, p. 19-20).

Na terminologia de Guillaume (1984, p. 32), o Eu interage com o universal abstrato e com o particular concreto podendo se relacionar com cada um desses ambitos

individualmente. Para Kierkegaard (2006, p. 20) e para a clínica das neuroses as implicações dessa relação é a gênese do Eu humano e do desespero que o configura. No caso do Homem dos Ratos e de Aliócha Karamazov é o Eu humano que funciona como intermediário das pulsões dionisíacas e do dever moral.

Reiteramos a importância da cultura no processo de aquisição do sistema de língua, posto que as representações palavra utilizadas na atualização linguística provém da história cultural dos povos. Sendo carregadas pelas regras de convívio, as técnicas de manutenção do soma, bem como as regras sintáticas que, como dito, são fundamentadas nas significações e que acabam por ordenar e denominar a própria vivência corporal.

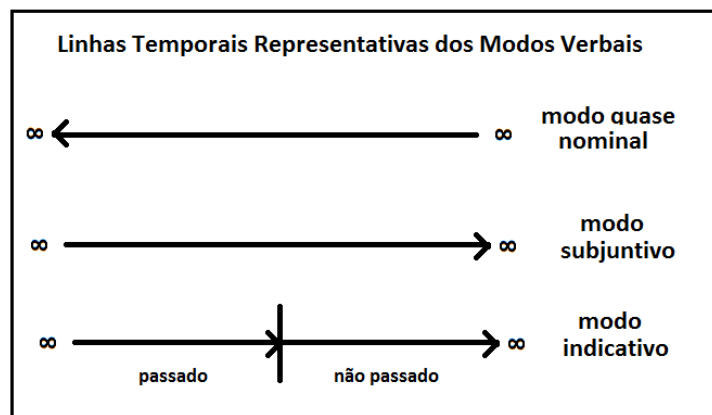
Tem-se o exemplo da criança que chora para a mãe e está pergunta se é a barriga, apontando para o próprio ventre, ou o pé, levantando a perna do chão, que dói. Em seguida, a criança chorosa confirma o ato da mãe dizendo “Minha barriga tá doendo...”. Nesse ínterim ocorre, por meio de um jogo de linguagem de adivinhação, a junção entre a significação da vivência pulsional com a função sintática. O representante de “algo”, um substantivo, está doendo, por sua vez, o representante do ato temporalizado, verbo, é colocado após o vocábulo “barriga”, indicando o transcorrer de um ato eliciado por uma pressão endógena que gera desconforto.

Lembramos que no momento em que a mãe levanta hipóteses acerca da dor da criança, a asserção de ambos está “em se fazendo”, *in fieri*, fato que permite alocar suas asserções no modo subjuntivo. As hipóteses da mãe são levantadas no presente, ou seja, apontam para um ato que transcorre no agora. Dessa forma é possível afirmar que as significações que constituem o cerne do jogo de linguagem brincado pela mãe e a criança transcorrem no presente do subjuntivo. O tempo e modo que enunciam um fato que pode ocorrer no momento atual.

Na analogia do discurso com a direção existencial assumida pelo Eu e da frase como sintoma, tem-se a palavra como unidade básica que evidencia os atos mentais que transcorrem na virtualidade da mente da pessoa. A representação linguística evidencia um momento, algo como um retrato, no fluxo de pensamento, de um filme que transcorre na virtualidade da mente. O processo de atualização linguística, evidenciado pelo processo de cronogênese é o símile, no sistema de fala, do processo de atualização dos potenciais pulsionais em atos motores e atos mentais. Vejamos como a vivência temporal é representada pelos modos verbais.

O modo quase nominal expressa o que a pessoa tem *in posse*. As significações das habilidades corporais que posteriormente serão representadas linguisticamente. Por exemplo, um bebê após aprender a morder adquire essa habilidade, a tem *in posse*. Cabe lembrar que o movimento de morder traz implícita a necessidade pulsional de se alimentar. Posteriormente, quando a pessoa adquire a capacidade de se expressar em sua língua materna ele pode expressar: “Mordi uma uva!” Afins de entendimento passemos aos outros modos verbais, suas características particulares evidenciam-se quando os comparamos entre si.

Os modos subjuntivo e indicativo expressam diferentes níveis de certeza e atualização permitidas pelo sistema de língua do falante. O primeiro, também denominado modo fictivo-hipotético, concerne à representação mental do que é possível ser efetivado. Esse modo também se refere ao imaginário. A passagem do modo subjuntivo para o indicativo marca um acréscimo qualitativo no nível de certeza. Do possível ao real. O diagrama abaixo auxiliar-nos-á na diferenciação dos modos verbais e como eles caracterizam a descarga pulsional. Ele é composto por linhas temporais que representam a experiência temporal vivida pelos falantes quando se expressam por meio dos modos verbais



Observa-se que a representação do modo quase nominal assemelha-se ao do modo subjuntivo pelo fato da linha temporal não ser dividida por uma barra, a qual representa o instante presente, tal como ocorre no modo indicativo. O que diferencia a representação dos modos quase nominal e subjuntivo é o fato do primeiro modo ter sua flecha representativa orientada na direção oposta ao modo subjuntivo, ou seja, ela vai em direção ao passado. “Isso reflete a impressão de que a vida é um eterno suceder de situações, não eliciadas pelo sujeito como nos modos finitos [subjuntivo e indicativo], mas através do próprio movimento inevitável do tempo eliciando situações e as levando embora, onde não mais existem.” (HIRTLE, 2007, p. 160)

Os modos subjuntivo e indicativo são considerados modos finitos porque em sua formação a pessoa Eu está presente. Fato que não ocorre nas formas do modo quase nominal. No subjuntivo o uso do verbo não é restrito a um fato presente podendo localizar-se em qualquer local do continuum do tempo. Ou seja, pode-se conjecturar acerca de fatos que ocorreram no passado, nas motivações que induzem a ocorrência de fatos no presente, ou ainda levantar hipóteses acerca do que advirá. Particularidade que viabiliza ao verbo ser representado como uma possibilidade. Por esse motivo a linha do tempo é representada como um prolongamento infinito.

Disso decorre que o que distingue um modo do outro é a forma de representar o horizonte infinito do tempo: no subjuntivo o instante presente não é representado, então não há referência ao presente e não há localização no continuum temporal; no indicativo esses dois aspectos ocorrem. O presente comumente representa o instante vivido pelo falante, por isso, o modo indicativo apresenta os eventos em termos de realidade, *realis*, enquanto que o subjuntivo apresenta os eventos em termos de ficções e hipóteses, *irrealis*.

A barra perpendicular no eixo do fluxo temporal do modo indicativo representa a atualização do que há in posse no modo quase nominal. Em outras palavras, o tempo operativo que corresponde ao momento em que o potencial se torna presentificado. Como vimos na seção anterior quando tratamos do diagrama de expulsão do tempo presente, após essa atualização o fluxo temporal é dividido em duas partes, a saber, o passado e o não passado. O não passado corresponde ao tempo futuro. Segundo Hirtle “essas visões do tempo não são invenções linguísticas, mas representações abstratas de impressões comuns aos falantes ordinários.” (HIRTLE, 2007, p. 160)

A par desse diagrama e do exemplo de “morder a uva” retomemos a questão econômica da pulsão. À ânsia de comer uma uva subjaz uma tensão pulsional que investe energeticamente um objeto (uva) a fim de que a descarga e a satisfação se efetivem. Lembramos que essa necessidade não se restringe ao âmbito homeostático nutritivo, articula-se sobremaneira às significações que foram impressas ao ato de comer ao longo da história pática da pessoa. A necessidade de se alimentar é sentida por uma pessoa como um afluxo que o inunda, que vem de encontro a si mesmo à revelia da própria vontade. No sistema de fala essa vivência é representada pelo modo quase nominal. A seguir veremos que este modo se relaciona ao componente pulsional pressão.

Como vimos no capítulo 1, página 16, nocionalmente Freud caracteriza este componente pulsional como o “Fator motor, a soma da força ou a medida de exigência de trabalho que ela (pulsão) representa.” (FREUD, 1915, EPSI, vol. I, p.148) Ou ainda, caracteriza a diferença de potencial, “o polo impelente (intenso anseio) e o polo atrator (memória de imagens de alívio) a pulsão se transforma em movimento(trabalho) e vai ao mundo em busca dos objetos primários de satisfação.” (FREUD, 1915, EPSI, vol. I, p. 166) O polo impelente é representado pelo modo quase nominal, nele estão presentes representações pulsionais carregadas energeticamente. O movimento de descarga vai em direção à atualização no agora. Linguisticamente, no presente do modo indicativo.

Das aulas de psicanálise aprendemos: “saliva-se antes de comer a uva...” Ou seja, o objeto por meio do qual a pulsão encontrará satisfação não consiste em um objeto externo, mas sim num objeto virtual. Com base nisso inferimos que o polo atrator, composto de “memória de imagens de alívio”, relaciona-se ao modo fictivo-hipotético. Consequentemente, às fantasias organizadoras das imagens de alívio. Por exemplo, pensemos num diálogo entre um analista e um analisando:

-Dr. Tenho pensado muito nisso...tô com medo de morrer..

-E se você morresse? O que aconteceria?

---dos meus parentes o único que choraria seria minha irmã.

A pergunta iniciada pela partícula “se”, feita pelo analista no modo subjuntivo, direciona o analisando. Leva-o a expressar as hipóteses acerca do que ocorreria após sua morte. Poder-se-ia objetar que o analisando em nenhum momento utiliza-se da partícula “se”, porém, a retomada do processo associativo é feita a partir da pergunta do analista. Dessa maneira, ambos, pergunta e resposta, situam-se no modo fictivo hipotético.

Como dito o movimento em busca da satisfação vai em direção à atualização no momento presente. Ao modo indicativo concerne o trabalho executado pela pulsão com a finalidade de alcançar a satisfação. Os atos que caracterizam esse trabalho dividem a linha temporal em passado e não passado. Ressaltamos que esses atos podem caracterizar paroxismos, formações do inconsciente, ou ainda, atos de atualização linguística por meio do sistema de fala. Caso não fôssemos seres de linguagem, e mais importante, não tivéssemos uma instância censora e reguladora da economia psíquica, a satisfação seria alcançada de forma mais imediata e menos mediada.

A cronogênese, definida como a formação da imagem temporal na mente, é indissociável do sistema do verbo e este por sua vez guarda semelhanças com a dinâmica pulsional. Quando abordamos a pulsão sob seu aspecto energético verificamos que seu trabalho de descarga também comporta a noção de atos sucessivos que iniciam com a posse de uma capacidade e que visam a um fim. A posse de um organismo gerador de estimulações endógenas e que urge pela execução de atos que finalizam com a satisfação.

Não fosse pela afirmação freudiana de que as significações são o diferencial dos instintos (*Trieb*) humanos para os instintos (*instinkt*) animais, a comparação entre a cronogênese e a descarga pulsional não passariam de uma analogia entre o trabalho linguístico de atualização e o trabalho motor de descarga. Todavia, o fator tempo aproxima os dois campos evidenciando a perversão da pulsão pela linguagem. E ainda, o sistema verbal (voz, pessoa, modo e tempo) representa a pulsão na instância pré-consciente.

Vejamos, diferente de um substantivo que expressa a noção de espaço, o verbo expressa as diversas vivências temporais experimentadas pelos falantes de determinada língua, o que é com o presente, o que foi com o passado e o devir com o futuro. Em contrapartida, a característica da pulsão sexual de estar sempre em movimento, parar seria o zero de movimento, a morte, também nos remete à experiência de investir libidinalmente diferentes representações durante certos intervalos de tempo.

Ou seja, a libido concebida como energia psíquica subjaz aos atos mentais que transcorrem no psiquismo. Desse modo, o movimento entre as representações configuram os destinos possíveis assumidos pela pulsão e se dão como uma forma de defesa do Eu diante das significações apresentadas pela pulsão. Lembrando que a pulsão nascente se apresenta na consciência como representações e afetos, os quais são investidos e re-investidos.

Com tudo isso se percebe que os três modos verbais abrangem uma forma trina de representar a vivência do tempo, bem como níveis de realidade no qual os atos pulsionais transcorrem. Enquanto que os tempos verbais (presente, passado e futuro) concernem ao momento de execução de um ato e à representação da vivência dos momentos que compõem o ato de descarga pulsional. No próximo capítulo exploraremos estas nuances por meio da história de vida do personagem Aliócha Karamazov.

CAPÍTULO 3 – OS MODOS VERBAIS E A VIVÊNCIA TEMPORAL DE ALIÓCHA

3.1 Modos verbais e o aspecto energético da pulsão

A presente seção tem como objetivo estudar a forma como o sistema de língua na mente configura e representa a vivência pulsional. Tomar-se-á como base as significações que subjazem ao uso cotidiano dos modos e tempos verbais. Com a finalidade de explicitar o movimento de descarga energética representada pelo sistema verbal deter-nos-emos nos subsistemas do modo verbal - quase nominal, subjuntivo e indicativo – e tempo verbal, o qual pode ser presente, passado e futuro. Também será conferida atenção aos componentes pulsionais que se destacam quando observamos o funcionamento da pulsão sob a ótica dos modos verbais. Isso será feito com base na caminhada pática do personagem Aliócha Karamazov. Antes de emprendermos essa tarefa iniciemos com um breve sumário acerca das vivências expressas pelos modos verbais.

3.2 A Condição de ser um Karamazov e o Modo Quase Nominal

Conforme vimos a denominação “quase nominal”, atribuída à vivência expressa pelos verbos nesse modo, provém das concepções espaciais que subjazem aos usos cotidianos de proferimentos nesse modo. Noções que são intrínsecas ao sistema do substantivo. Dessa maneira esse modo verbal congrega características da vivência de posse de um organismo físico e a noção de temporalidade, visto que pertence ao sistema do verbo. Dito de outra maneira, ele expressa as habilidades sinestésicas do corpo passíveis de serem atuadas e/ou atualizadas linguisticamente pelo eu. E mais importante: os entremeios do corpo pulsional, o qual toda pessoa viva tem em posse, bem como a potência de descarga energética motora.

Estudamos no primeiro capítulo o exemplo freudiano de um ser vivo vulnerável capaz de receber estimulações nervosas, por meio das quais diferencia estímulos externos e pulsionais. Em suas palavras: “A substância perceptiva do ser vivo terá assim obtido, a partir da eficácia de sua atividade muscular, um ponto de referência para diferenciar entre um “externo” e um “interno””. (FREUD, 1915, EPSI, vol. I, p. 147)

Esta concepção configura-se como a das mais básicas para o entendimento da pulsão. No exemplo o psicanalista evidencia o desenvolvimento da auto percepção corporal com o estabelecimento dos limites espaciais do soma. O que está dentro e o que está fora, bem como os limites da atuação motora no mundo. Nesse caso, o sujeito tem *in posse* a capacidade de evitar ou não os estímulos que se apresentam, havendo sobremaneira a conjunção das noções substantivas e verbais. Posto que, esquivar-se desses estímulos traz implícita a ideia de um ato que se inicia, transcorre e se encerra, o qual caracteriza o sistema verbal.

Nesse contexto o tempo *in posse* refere-se à posse de um organismo pulsional, a posse de potencial energético para a efetivação de atos motores e, num segundo momento, à posse do sistema de fala por meio do qual uma vivência espaço-temporal pode ser expressa de maneira inteligível.

Sob o enfoque psicanalítico a representação temporal do modo quase nominal, uma seta que vai de encontro ao falante, não concerne unicamente ao pequeno controle que o eu humano exerce no mundo ao seu redor. Existencialmente concerne também à precariedade do eu humano diante da constante pressão exercida pelo investimento pulsional das representações no aparelho psíquico. Tem-se dessa maneira que neste modo verbal as representações que são representadas possuem o máximo de potência energética.

Em termos nietzschianos concerne ao aspecto dionisíaco da vida, no qual a vida é sentida como um fluxo tumultuoso que não tem consideração por qualquer coisa que seja individual ou ordenada. Mesmo que esse fluxo seja o substrato de toda vida individual. Sem dúvida é um retrato obscuro da vida por expor a precariedade da situação atual do indivíduo no mundo. (SOLOMON & HIGGINS, 1988, p. 136) No romance de Dostoievski refere-se ao impulso que pressiona a existência dos Karamazov. Com a palavra, Aliócha:

Meus irmãos se perdem... e meu pai também. Arrastam outros com eles. É a “força da terra” própria dos Karamazov, segundo a expressão do padre Paísi, uma força violenta e brutal... Ignoro se o espírito de Deus domina essa força. Só sei que eu mesmo sou um Karamazov... Sou um monge, um monge... Você dizia ainda há pouco que sou um monge?” (p. 234)

O seminarista aponta a constância da pressão exercida pela sexualidade, a qual se expressa na licenciosidade do pai, bem como pela agressividade manifesta pelos irmãos. Uma força que, segundo ele e o padre Paísi, se apresenta como uma força violenta e brutal. A independência das representações coisa podem ser inferidas das palavras “...ignoro se o

espírito de Deus domina essa força”, caso tomemos o “espírito de Deus” como representante máximo da cultura e saber construído por meio da língua e sistemas de terceiridade correlatos. É uma pressão ao ato que se apresenta nas entrelinhas da civilização, tal como o conteúdo recalçado que retorna em um ato falho atualizado por um neurótico.

Dentre o amplo arco semântico de utilização do termo pulsão (*Trieb*) no alemão, temos a consideração da manifestação da pulsão na consciência como desejo e vontade. Sob as lentes da psicanálise veremos na seção seguinte deste capítulo que esse desejo alimenta formas de satisfação estabelecidas na infância. As dúvidas de Aliócha quanto à sua capacidade de viver de acordo com o ideal de ser um monge evidenciam a intensidade do conflito que se trava em sua alma. Bem como sua suspeita e consciência dos próprios desejos contrários aos ditames morais cristãos. Em um diálogo com Dimitrí ele é claro quanto à esse ponto.

- [...]; malgrado meus vis instintos e meu amor a baixeza, não sou desonesto. Tu coras, teus olhos cintilam. Estás farto dessa lama.

- Fazes alusão ao meu rubor - observou de súbito Aliócha. Não são tuas palavras, nem mesmo tuas ações que me fazem corar. Coro porque sou igual a ti. (DOSTOIEVSKI, 2001, p. 337)

Ruborizava-se porque se sentia culpado como o irmão e não porque se envergonhava das palavras dele. Dostoiévski apresenta um visão próxima da freudiana ao apresentar seus personagens, um aspirante a santo e outro à criminoso, como possuidores de características comuns. A expressão de Freud “A neurose é o negativo da perversão” (1915, ESB, vol. XVI, p.306) se apresenta num dialogo fraternal de luz e sombras. Um irmão se permite atuar mostrando, por meio de palavras e atos, os desejos que fervilham em sua mente. O outro é comedido em seus atos e se esforça por realizar a moral cristã, todavia, eventualmente os desejos escapam por entre os dedos de Deus.

Os tempos verbais no modo infinitivo não são localizados no continuum temporal, ou seja, o presente não pontua nem divide o fluxo representado. Nestes verbos estão inclusos a representação espacial do suporte (sobre o que se fala, nesse caso o Eu pulsional), sem isso não seria possível representá-los. Tópicamente referir-se-iam às representações coisa carregadas energeticamente. Um arguto leitor poderia objetar que ao aproximarmos a vivência expressa pelo modo quase nominal às representações coisa, cometemos um equívoco teórico devido a relação desse tipo de representação com a instância inconsciente, haja visto que este

se configura como atemporal. Ou seja, como relacionar uma instância que é atemporal com um subsistema que representa uma modalidade do tempo? Em nosso auxílio evocamos o momento em que Freud postula a atemporalidade do Inconsciente:

“Todavia, atenhamo-nos ainda ao Ics e ressaltamos agora que os processos nesse sistema são atemporais, eles não são cronologicamente organizados, não são afetados pelo tempo decorrido e não têm nenhuma relação com o tempo. Como veremos, a relação com o tempo é algo estritamente vinculado ao trabalho do sistema Cs.” (FREUD, 1915, EPSI, vol. II, p. 37)

Disso inferimos que os processos expressos pelo Inconsciente são atemporais, todavia estes são experienciados de forma temporalizada pelo Eu. Este fato nos permite correlacionar o processo de afluxo pulsional à vivência representada pelas formas no modo quase nominal. Nesta configuração três relações são possíveis: um evento pode ser visto como se aproximando, perpassando e, por último, sendo reinserido a partir de seu lugar indeterminado no tempo. Estas três visões correspondem aos três tempos no modo quase nominal, respectivamente, infinitivo, particípio presente e o particípio passado. (HIRTLE, 2007, p. 171) A leitura de uma carta de amor pelo nosso protagonista pode nos auxiliar a entender essas três vivências.

“Aliôcha leu duas vezes aquela carta com surpresa, ficou pensativo, depois riu docemente de prazer. Estremeceu, aquele riso lhe parecia culpado. Mas, ao fim de um instante, repetiu o mesmo riso feliz. Tornou a pôr a carta no envelope, fez um sinal da cruz e deitou-se. Sua alma havia reencontrado a calma.” (DOSTOIEVSKI, 2001, p.173)

Os momentos que antecedem o recebimento da carta por parte do protagonista são marcados pela inquietação. Como vimos a atração gerada por um objeto sobre a pulsão não se deve meramente às suas características físico-químicas. A atração se deve aos traços mnêmicos inconscientes que emergem como fonte sexual e que são posteriormente projetados no objeto. Dessa maneira, a agitação que antecede o recebimento da carta pode ser atribuída ao investimento libidinal em representações inconscientes. O Eu percebe essa vivência como algo que vem ao seu encontro a partir de dentro, a carta somente objetiva a sensação de que algo se aproxima.

Outros exemplos cotidianos auxiliar-nos-ão a entender os impactos do caráter cíclico da pulsão e a vivência de sentir a pulsão emergindo. Quando o horário do almoço começa a se aproximar e a pessoa ainda não sentiu fome; ou ainda, quando da ingestão de uma grande

quantidade de líquido à noite, uma pessoa acredita que se levantará da cama para urinar. No infinitivo a potencialidade é máxima, fato que o aproxima da expectativa eliciada no eu.

O recebimento da carta presentifica o afluxo na consciência de Aliócha. Tem-se dessa maneira o momento de máxima tensão, no qual a pressão e o objeto se estabelecem como dois polos magnéticos. Podemos apenas inferir a intensidade da corrente de afeto que toma conta da mente do jovem. Deixamos aos nossos leitores a tarefa de mensurar por meio das régua da memória da juventude, e aos poetas, a tarefa de colocar em palavras a tormenta que se precipita no seminarista.

O participio presente representa a vivência na qual a pulsão perpassa o aparelho psíquico. Em nossos exemplos suplementares teríamos a dor de fome no estômago, a bexiga latejando, ou o tesão sexual que impede a concentração. Em todas as situações há uma pressão para que uma sequência de atos seja executado visando a satisfação. O personagem encontra a satisfação ao se permitir ler a carta duas vezes, sorrindo docemente de prazer. Um riso que evidencia sua ligação com o material recalcado por vir acompanhado da culpa e da autocensura.

Os sentimentos que inundam a alma do jovem, os mesmos que são particulares a um Karamazov, são retirados do foco de pensamento de Aliócha por meio de um grande esforço. A fim de realizar esse trabalho ele busca o apoio divino fazendo um sinal da cruz e fazendo uma prece pedindo à Deus que proteja os felizes e agitados. Dito de outra forma, ele busca forças na libido fixada em seu Ideal de Eu e retira as representações que foram objeto de censura, enviando-as ao Inconsciente. Com essa retirada as representações coisa reassumem a sua potencialidade de retornar às instâncias Pré-Consciente e Consciente. Somado a isso, tem-se as características do processamento primário que permitem a livre fluidez energética nas representações.

O terceiro tempo, participio passado, concerne à reinserção energética feita pelo eu em uma representação. Ou seja, o Eu tomado como um reservatório de libido pode recarregar energeticamente uma representação. Fenômeno que ocorre quando há retirada de uma representação da consciência ou quando a pessoa se incita. Em nossos exemplos seria uma pessoa que se incita estimulando seu corpo, como no caso da ingestão de uma bebida alcoólica com vistas à aumenta o apetite. Ou ainda, a pessoa que procrastina a ida ao banheiro esperando a bexiga começar a doer. Por esses motivos considera-se que a vivência expressa pelo modo quase nominal confere destaque aos componentes pulsionais fonte e pressão.

Sob o ponto de vista páthico a condição de ser um Karamazov é vivida como uma coação que induz as pessoas a um destino trágico. Destino em que o horizonte de escolha se restringe a tal ponto que os personagens desse romance, que possuem um pouco de todos nós, parecem meros joguetes de forças que os levam ao prazer ou à morte. O Eu de Aliócha, diante dos pensamentos e afetos que o pressionam, duvida quanto à possibilidade de construir outro destino que não o de seu pai e seus irmãos. “Só sei que eu mesmo sou um Karamazov... Sou um monge, um monge... Você dizia ainda há pouco que sou um monge?”

A dúvida nessa situação não é apenas marca da estruturação neurótica do jovem seminarista. No momento em que as possibilidades de devir se apresentam como dúvida no psiquismo de Aliócha, emerge também a conscientização de novos rumos em que sua caminhada existencial pode se efetivar. O fato de que é “um” Karamazov não pode ser mudado, bem como a característica de possuir um corpo que emerge como desejo na consciência também não pode. Todavia, re-elaborar as significações que confluíram para a constituição do “Aliócha Karamazov” pode descortinar novas possibilidades de devir.

O apoio da pulsão no corpo, bem como sua ligação às significações ordenadas pela linguagem fundamentam a *hybris* humana. Contudo, a característica eminentemente humana de tomar consciência dos caminhos que podem ser trilhados influenciam sobremaneira não apenas a dinâmica das pulsões mas as possibilidades de destino que o Eu pode construir. O Eu humano tem papel central nesse movimento páthico. Dessa forma, cabe ressaltar que, como vimos, mesmo que o modo verbal quase nominal expresse a vivência de potencialidade energética das representações coisa inconscientes, quem vivencia esse processo é o Eu humano consciente. Ou seja, este relata por meio de símbolos ordenados em terceiridade vivências relativas à primeiridade do corpo.

Marcar essa distinção é importante por levar em conta as diferenças qualitativas entre as instancias psíquicas, fato que confere precisão à escuta clínica. Nesse sentido não se escuta apenas a “linguagem” das pulsões inconscientes que se apresentam como desejo inconsciente na fala do analisando. Considera-se também o estado em que o Eu se encontra diante dos jogos de força do Inconsciente. O Eu se encontra em inflação, multiplicando seu poder querendo ser tudo ao mesmo tempo, em negação, denegando a realidade da tormenta e da pressão que se formam no horizonte? Ou ainda, encontra-se em projeção, atribuindo aos outros os próprios conflitos, ou em introjeção, na urgência de tudo ter, possuir e saber?

Consideramos que clinicamente é importante conhecer o destino trágico que coage os Karamazov para um rumo inexorável. Porém é igualmente importante conhecer que no momento em que Aliócha enuncia sua dúvida quanto a ser um monge seu Eu se encontra em negação, afastando-se da condição de ser um Karamazov, e em projeção, atribuindo a outro a aplicação do ponto de interrogação em seu movimento de ipseidade. Perceber essas posições assumidas pelo Eu abre a possibilidade de reconstruir a tragédia em um drama, ou seja, em uma peça em que os entremeios das situações a que os personagens estão entregues não estão rigidamente escritas. Existindo ainda espaço para a criação e improviso com o pouco de liberdade que se possui. Dito de outro modo, desponta no horizonte a possibilidade de transformar a “condição de ser um Karamazov” na “condição de existir como Karamazov”.

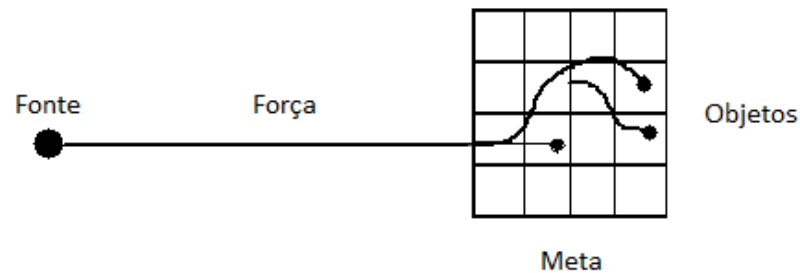
3.3 A fantasia de um Ideal e o modo fictivo hipotético

Aprofundemo-nos na asserção freudiana que afirma que “No principio foi o ato” (1913, ESB, vol. XIII, p. 162), como vimos, esta adquire uma nova nuance quando observada sob os pressupostos da psicossistemática de Gustave Guillaume. Comum às duas ciências está a noção de efetivação de atos motores que configurarão a virtualidade do pensamento. No segundo capítulo, página 54, divisamos que o modo subjuntivo é estruturado nos instantes em que ocorre a expulsão do tempo presente gerando a memória e a vivência do futuro como possibilidade. Concomitante à esse processo a noção de “eu” se desenvolve no aparelho psíquico, quando o mesmo reflete acerca de seu passado, via memória dos atos que se efetivaram, ou foram reconstruídos de maneira fantasmática, e mira no horizonte o futuro da própria finitude. A relação entre a vivência corporal da criança e o posterior fantasiar do adulto são expostos por Freud:

“Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra... Da mesma forma, a criança em crescimento, quando pára de brincar, só abdica do elo com os objetos reais; em vez de *brincar*, ela agora *fantasia*. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de *devaneios*.” (FREUD, 1908, ESB, vol. IX, p.136)

Ao brincar a criança reconstrói a realidade que a levou à insatisfação pulsional. Essa resignificação da realidade recompõem a meta pulsional ordenando os objetos por meio dos quais a pulsão encontra a satisfação. Conforme vimos no primeiro capítulo, página 18, o alvo é sempre o alívio gerado pela descarga pulsional. Dada a imposição da censura e das normas culturais, alcançar a satisfação, por meio dos atos que compõem a meta, raramente é um

trabalho fácil. Devido a isso o deslocamento e a condensação participam ativamente na eleição de objetos catalizadores do gozo. O teatro mental se configura numa rede em que estão dispersos os possíveis objetos. Com base no texto freudiano “Pulsões e destinos de pulsão” (FREUD, 1915, EPSI, vol. I, p.148) o professor Francisco Martins desenvolveu o seguinte esquema, relativo à primeira tópica freudiana, com a finalidade de explicitar a interação da pulsão com os seus componentes.



A rede formada pelos diversos quadrados consiste na meta pulsional. Os círculos preenchidos correspondem aos objetos da pulsão. Neste diagrama vemos também a pressão energética investindo nos objetos sexuais. A noção de meta traz consigo a multiplicidade de objetos, bem como a indefinição inicial do objeto representado pela linguagem. Dito de outra forma, a meta corresponde à noção de paisagem, onde diversos objetos se apresentam, evidenciando a existência de uma direção geral de sentido.

Cabe ressaltar que a meta consiste na “atividade a que a pulsão impele, e que leva a uma resolução da tensão interna: esta atividade é sustentada e orientada por fantasias”. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1983, p. 281) Dessa maneira, a meta pulsional encontra seu apoio numa atividade motora que sustenta a função vital que lhe serviu de suporte e que nos humanos pode ser considerada defasada, e até mesmo pervertida, quando a comparamos com essa mesma atividade instintual. “É nesta defasagem que se vem inserir uma atividade fantasmática que pode compreender elementos representativos muitas vezes muito afastados do protótipo corporal.” (*idem*, p. 283)

Dessa forma, infere-se a presença de uma “malha imagética” subjacente à supracitada rede que configura a meta pulsional. Afirmamos que a malha se configura de forma imagética por se articular com as fantasias inconscientes e com as representações coisa que por sua vez se apoiam em imagens. No diagrama acima a fantasia inconsciente que ordena a meta é representada pelo quadrado maior que inclui todos os outros quadrados menores.

No contexto infantil, quando a criança abdica do elo com os objetos reais, a realidade psíquica se estabelece. O fórum interno se faz presente quando a criança percebe que os pais não tem acesso direto ao conteúdo de seus pensamentos e que o sonhar acordado é uma possibilidade de satisfazer e, ao mesmo tempo, velar o desejo (*Wunsch*) inconsciente proibido. O cognome do modo subjuntivo, modo fictivo hipotético, evidencia a sua conexão com essa vivência temporal particular do Eu humano. Posto que abrange as ficções e hipóteses criadas virtualmente na mente dos falantes.

No contexto clínico a escuta dos devaneios revela o jogo de identificações e os (des)caminhos encontrados pela pulsão na busca pela satisfação. Dessa forma, as construções hipotéticas e fictivas são portas de acesso para o conhecimento da configuração assumida pelas instâncias psíquicas ao longo das fases de desenvolvimento. Vejamos o exemplo dado por Freud de um devaneio, tendo como foco o movimento pulsional.

“Tomemos o caso de um pobre órfão que se dirige a uma firma onde talvez encontre trabalho. A caminho, permite-se um devaneio adequado à situação da qual este surge. O conteúdo de sua fantasia talvez seja, mais ou menos, o que se segue. Ele consegue o emprego, conquista as boas graças do novo patrão, torna-se indispensável, é recebido pela família do patrão, casa-se com sua encantadora filha, é promovido a diretor da firma, primeiro na posição de sócio do seu chefe, e depois como seu sucessor. Nessa fantasia, o sonhador reconquista o que possui em sua feliz infância: o lar protetor, os pais amantíssimos e os primeiros objetos do seu afeto.”(FREUD, 1908, ESB, vol. IX, p.139)

A explicação dada por Freud desse exemplo assemelha-se à expulsão do tempo presente gerando o passado e o não passado(futuro) explicado por Gustave Guillaume. Vejamos:“Esse exemplo mostra como o desejo utiliza uma ocasião do presente para construir, segundo moldes do passado, um quadro do futuro.” (FREUD, 1908, ESB, vol. IX, p.139) Esta situação citada por Freud evidencia, ainda, um segundo momento no qual o Eu já se encontra estruturado por meio da linguagem e a pulsão regride a moldes infantis de satisfação. O descontentamento com a realidade da vida leva a pessoa a olhar com saudosismo seu passado infantil, ou melhor, a crueza da vida reativa as vivências narcísicas do período infantil. Tem-se então, de maneira concomitante, o re-investimento energético das representações recalçadas. Processo que nos remete à forma participio passado do modo quase nominal. Este realimentar pulsional e aumento de tensão impulsionam o conteúdo que existe na virtualidade da mente da pessoa. Esta, por sua vez, representada pela vivência do modo fictivo hipotético, subjuntivo. Fato que nos leva a afirmar que as particularidades do componente pulsional meta

assume posição de destaque quando observamos a dinâmica da pulsão sob as lentes do modo fictivo-hipotético.

Mutatis mutandis as lembranças encobridoras possuem a mesma função desveladora dos sonhos acordados. Estas condensam um grande número de elementos infantis reais e fantasiados. Dessa forma, por meio delas, também se pode inferir as imagens e fantasias que configuram a meta pulsional. Uma das apresentações feitas por Dostoievski do *pathos* de seu protagonista afirma que ele “não é um místico, nem fanático, era um filantropo à frente de seu tempo. Se sentia atraído pela vida monástica – ascensão ideal para o amor radioso de sua alma liberta das trevas e do ódio daqui de baixo... Ele possuía um coração sedento.” (DOSTOIEVSKI, 2001, p. 27)

Outro momento do romance nos auxiliará a compreender essa descrição. Ele nos remete a uma lembrança que pode ser considerada encobridora, tal como compreende a psicanálise. Nessa lembrança sua mãe está diante da imagem de uma santa e ora com fervor. Em seguida ela o toma entre os braços e, quase o sufocando em meio a um abraço apaixonado, entrega simbolicamente o filho à Santa Virgem. A ama corre e arranca apavorada a criança dos braços da mãe. Cabe sublinhar que a mãe de Aliôcha faleceu quando este possuía quatro anos de idade. (DOSTOIEVSKI, 2001, p. 27)

Na lembrança de Aliôcha, quando a mãe o entrega à santa ele é simbolicamente inserido na genealogia dos santos. Sua mãe encarregou à Santa-Mãe a guarda do jovem Aliócha. Ele se torna um filho da santa, que responsabilidade! Ter de se tornar um santo, um santo como Jesus, o filho da Santíssima Mãe. O êxtase e fervor alcançado pela mãe durante a oração nos indica a condensação da imagem da mãe com a imagem das santas da história da igreja. Por deslocamento ele também se torna um santo, ou até mesmo uma santa visto que em seu movimento ele está identificado com sua mãe. Ela desempenha um papel de destaque na formação de seu Ideal de Eu. Uma identificação com a mãe que o impele a um destino coercitivo análogo às tragédias gregas.

Essa lembrança expõe a estruturação de seu Édipo direcionando seu destino. Sua postura diante das bebedeiras e permissividade do pai para com as mulheres evidenciam o esforço de praticar a máxima cristã “Não julgueis para não serdes julgados”. Com justiça poder-se-ia acrescentar: para não serdes julgado como um Karamazov. Todavia, o movimento pulsional de Aliócha não encontrou como destino a sublimação. A coação exercida pela idealização expressam o conflito entre o “Caramazov” e o “Kristo”, entre Dioniso e Apolo.

Somado a esse ardor apolíneo temos a pouca resistência em ouvir obscenidades e tudo que se relacione ao sexo. Quando criança tapava os ouvidos e, em algumas situações mais extremas, debatia-se no chão. Índícios de seu conflito pulsional, o qual pode ser abordado por meio das ficções elaboradas pelo Eu. Outra prova de sua inabilidade com as coisas do mundo animal e humano transparece na forma com que ele geria suas finanças. Dava pouco valor ao dinheiro, poupava-o obstinadamente ou gastava-o sem se abalar. Nesse contexto, a mãe se configura como objeto da pulsão sexual de Aliócha que devido à pouca elaboração inibe-se, descompassando o fruir de sua vida amorosa.

Lembramos que os ideais auspiciosos ao deus Apolo concernem à beleza, ao mundo concebido como um todo organizado por meio de leis que podem ser apreendidas pela razão humana. Sob o jugo de um ideal que restringe e compele o mover-se na vida, o Eu tem como um dos possíveis destinos para sua pulsão sexual a sublimação. Esta consiste no ato contínuo de renunciar a aspectos agressivo-sexuais em favor de ideais de beleza, ordem e civilizatórios.

Mutatis mutandis são os ideais que sinalizam os caminhos denominados por Freud cultura e religião. Para nós clínicos os ideais tem um lugar especial no que esse psicanalista denominou o Ideal do Eu. Este é resultante da convergência do narcisismo e das identificações com a imagem de objetos amados, em geral, os pais, bem como com seus substitutos e com os ideais coletivos. (FREUD, 1914, EPSI, vol. I, p.114) Ao longo dessa apresentação retornaremos à essa relação da identificação com o Ideal do Eu, visto que o descolamento do Ideal do Eu tem papel fundamental na efetivação da ironia e da sublimação em Aliócha.

3.4 Relação transferencial e o modo indicativo

O movimento pulsional de Aliócha sob os auspícios do deus Apolo conferem rigidez ao seu Eu ante às sutilezas da vida. Esta permeada por aspectos dionisíacos como o amor, o interesse sexual e o dinheiro. A identificação deste personagem com a mãe, via pavimentada pelo ideal do Eu, nos permite divisar o conflito que se trava em sua alma.

O aspecto econômico do conflito refere-se à necessidade de descarga e o impedimento desta pelo Eu linguisticizado. Visto que a pulsão consiste num estímulo constante, o encontro com um objeto que possibilite a descarga energética é de vital importância para a homeostase

do aparelho psíquico. A neurose tem como marca a negação da necessidade e a supressão dos afetos direcionados ao objeto investido pela pulsão – movimento que impede a satisfação. Ocorre dessa forma uma ampliação do âmbito virtual, havendo um descompasso entre o desejo e a efetivação de atos que viabilizem o encontro da satisfação. Para Bakhtin (2005, p. 59), o herói de Dostoievski se revela livremente.

“O homem nunca coincide consigo mesmo. A ele não se pode aplicar a forma de identidade: A é idêntico a A. No pensamento artístico de Dostoievski, a autêntica vida do indivíduo se realiza como que na confluência dessa divergência do homem consigo mesmo, no ponto em que ele ultrapassa os limites de tudo o que ele é como ser material que pode ser espiado, definido e previsto “à revelia”, a despeito de sua vontade. A vida autêntica do indivíduo só é acessível à um enfoque *dialógico*, diante do qual ele responde *por si mesmo* e se revela livremente.”

A vivência deste conflito se expressa no sistema de modos verbais da seguinte maneira. O Eu experiencia o afluxo pulsional, o qual se representa na mente por meio do sub sistema verbal do modo quase nominal. A efetivação de atos que viabilizem a satisfação pulsional são postergados por inúmeros “e se” e “serás” que multiplicam as possibilidades de devir na mente do jovem Karamazov. Instala-se a dúvida sobre a viabilidade de encontrar novos rumos que o levam a atuar de modo idealizado. Dessa forma os atos não são atualizados no nível de certeza referente ao modo indicativo. Ou seja, os atos remanescem no virtual (realidade psíquica), não sendo atualizados na realidade manifesta.

O neurótico vive em um mundo de pensamentos e hipóteses que se chocam. Soma-se à isso formações reativas que tornam sua maneira de desejar um verdadeiro *looping*. O aspecto compulsivo da neurose se atualiza no modo indicativo, porém, graças ao mecanismo do recalque essa atuação não é elaborada pela consciência. Os atos efetivados revelam a configuração do âmbito fictivo hipotético.

Esta situação se apresenta quando, movido por um coração sedento e fervoroso, decide se tornar um santo e ingressar no mosteiro. Esta decisão foi tomada após a visita ao túmulo da mãe, nas palavras de Dostoievski:

“Aliôcha não mostrou nenhuma emoção especial diante do túmulo de sua mãe; prestou atenção ao relato grave que lhe fez Gregório a respeito da colocação da laje, permaneceu curvado e retirou-se sem ter pronunciado uma palavra. Depois, não voltou mais...” (DOSTOIEVSKI, 2001, p. 24)

Quando se dirige resolutivo ao mosteiro, ele sai do campo das hipóteses e atualiza suas ficções fantasmáticas. Nota-se um acréscimo no nível de certeza, das possibilidades para o

que é certo, atualizado. Processo expresso pela passagem do modo subjuntivo para o modo indicativo. Nessa forma de vivenciar o tempo o continuum temporal é dividido pelo ato, gerando o passado e o não-passado. Com isso, tem-se que a efetivação do ato de se dirigir ao mosteiro ocorre no presente do modo indicativo. Em outras palavras, ele atualiza os moldes de satisfação pulsional infantil. Nesse ínterim cabe a pergunta: para qual objeto tende o investimento libidinal do aspirante à santo?

Com Dostoiévski temos a resposta: “Atraía-o essa via unicamente porque havia nela encontrado um ser excepcional a seus olhos, o nosso famoso *Stáriets Zósima*”. Concomitante ao caráter austero e gentil temos a admiração nutrida pelo santo homem Zósima. Pode-se dizer que a transferência entre Aliôcha e o velho Zósima se estabelece de maneira intensa, visto que este era a imagem viva de um objeto de amor carregado na própria alma. Guiado por essa imagem de amor, a qual condensa a mãe, seu Ideal de Eu e Zósima, o jovem Karamazov caminhou em direção à vida monástica.

O *Stáriets* é o exemplo de simplicidade e da aplicação dos ideais cristãos por meio da ação na vida cotidiana. Em outras palavras, ele era a encarnação do patriarca bíblico que transmite a cultura renunciando às pulsões agressivas e sexuais. Como disse Victor Hugo acerca de seu protótipo de patriarca, o velho *Booz Endormi*: “seu fardo, seu feixe de feno não era avaro, nem odioso”. (1964, p.57)

Disso inferimos que a transferência é um fenômeno que é vivenciado no presente do modo indicativo. Pensamos que esta afirmação acerca da atualização da virtualidade por meio da transferência no presente não é válida somente para a trama do romance, pensamos que também é válida para o contexto clínico. No caso do Homem dos Ratos no instante em que esse analisando relata a tortura dos ratos. O analisando relata tratando Freud como o capitão torturador que insere os ratos durante o suplício. Mahony (1991, p. 73) destaca que a fala entrecortada de Lanzer dá espaço para a complementação de Freud. Na tentativa de elucidar no que consistiria a tortura, as palavras que são ditas pelo analista, adquirem o sentido transferencial de ratos que são inseridos no ânus/fala do paciente. Tal processo configura um jogo transferencial que é “brincado” no presente do indicativo. Fato que nos leva a asseverar que a vivência expressa pelo modo indicativo confere proeminência ao componente pulsional objeto.

“Não se discute que controlar os fenômenos da transferência representa para o psicanalista as maiores dificuldades; mas não se deve esquecer que são precisamente eles que nos prestam o inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos os

impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente. Pois, quando tudo está dito e feito, é impossível destruir alguém *in absentia* ou *in effligie*.” (FREUD, 1912, ESB, vol. XIII, p. 143)

A transferência atualiza o conteúdo virtual, na terminologia de Freud, o conteúdo *in absentia* ou *in effligie*. O clichê estereotípico é constantemente repetido e reimpresso durante a vida nos limites permitidos pelas situações externas e pelas características dos objetos amorosos que são acessíveis ao Eu. A reconfiguração na meta pulsional evidencia a criação que pode emergir da repetição.

Um “desvio” de tal magnitude afastou Aliôcha do caminho para se tornar um santo, nos moldes por ele idealizado, e o levou a uma vida comum. Ironicamente pode-se afirmar que esse percalço na estrada da vida foi o que efetivamente o levou a sublimar suas pulsões, desidentificando-se de seu Ideal de Eu. Essa ironia deu-se quando Zósima, antes de morrer, disse à Aliôcha que abandonasse a vida monástica e se casa-se com uma mulher. Do texto de Dostoievski: “...deixará estes muros, viverá no mundo como um religioso.” (DOSTOIEVSKI, 2001, p. 295)

Essa frase pronunciada no imperativo marca o ponto em que a tragédia da vida de Aliôcha se configura como um drama. Em outras palavras, essa frase funciona como um gatilho que para além de um destino inexorável abre a possibilidade para um destino de escolha. Ante a tal ato de fala proferido por Zósima, somado ao impacto do mau cheiro provocado pela decomposição do corpo do santo, as possibilidades se descortinam ante o eu conflitado de Aliôcha.

Esse proferimento do monge russo é enunciado no modo imperativo, o qual deriva do modo indicativo. Porém restringir esse proferimento a apenas esses dois modos é por demais restritivo. Vejamos, Zósima fala na posição de Ideal de Eu de Aliôcha, tal como sua instância apolínea configurada em seu modo subjuntivo. A particularidade é que tal assertiva possibilita o aspirante à santo fazer um movimento em direção ao espelho, o mau cheiro expressa seu confronto com o Karamazov defronte ao espelho. Uma vez que a pulsão está intimamente ligada ao funcionamento das glândulas corporais, podemos tomar isso como uma metáfora que evidencia sua condição precária diante das impulsões internas e externas.

Linguisticamente, o uso do imperativo, expressou o movimento do subjuntivo para o indicativo, marcando o acréscimo do nível de certeza. Relembremos que a linha temporal no modo indicativo é dividida pelo momento presente. O presente marca o instante da angústia

da escolha. O único momento em que isso é possível. É também o momento em que a energia potencial da pulsão pode ser descarregada. O momento em que ele pode escolher sobre o que fazer com sua condição de Karamazov. Como diz a tradição oral: “É no presente que se faz a vida”.

Esta virada no destino o colocou frente a um dilema que trouxe à tona a pequenez do Eu humano ante às vicissitudes da vida interior e exterior. Diante dessa bifurcação Aliôcha escolheu seguir às ordens de Zósima. Afinal de contas, como poderia um homem que aspira à santidade ser desobediente a alguém que, à imagem dos patriarcas bíblicos, pregava por meio de exemplos? Sua escolha o levou a uma concepção de amor mais comum, focada no semelhante. A ironia de realizar seu ideal abrindo mão do mesmo o fez efetivar seu destino sublimatório, restituindo o fruir de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como decorrência do esforço de articular a psicossistemática com o conceito de pulsão constatamos que a vivência expressa pelos modos verbais representam a vivência pessoal do Eu diante do imperativo da pulsão que se apresenta no psiquismo. As flores colhidas por meio do método fenomenológico de Guillaume, bem como as flores que foram cultivadas por Freud, este por sua vez um fenomenologista *avant la lettre*, nos possibilitaram tomar um laço e arrumar um buquê no qual os conceitos de pulsão e linguagem foram articulados. O pressuposto guillaumiano de que a língua é um potencial na mente que pode ser atualizado nos possibilitou aplicar as categorias do processo cronogenético de temporalização aos atos de descarga que compõem o trabalho pulsional.

Como vimos, a cronogênese, definida como a formação da imagem temporal na mente, é indissociável do sistema do verbo e este por sua vez guarda semelhanças com o ato de descarga pulsional e a subsequente reconfiguração do plano simbólico pessoal. Quando se considera os significados subjacentes à enunciação de um proferimento em determinado modo verbal, os três eixos cronotéticos tornam clara a interação entre os quatro componentes pulsionais. Dessa forma, o processo de atualização linguístico evidenciado pelo mecanismo da cronogênese é o símile, no sistema de fala, do processo de atualização dos potenciais pulsionais em atos motores e atos mentais.

Com isso chegamos à conclusão que as três secções do tempo são análogas aos atos que compõem o trabalho pulsional de descarga energética. Quando estudamos o tempo *in fieri* e o processo de lexigênese percebemos que a atribuição de uma classe gramatical a um significado que posteriormente comporá uma palavra, guarda semelhança com o processo de união da representação coisa com a representação palavra. Dessa maneira fizemos ver a forma com que a energia das representações inconscientes são formatadas pelas regras da sintaxe.

Ao nos debruçarmos sobre o terceiro eixo cronotético, tempo *in esse*, percebemos que a noção guillaumiana de atualização linguística e concomitante produção de uma frase é análoga à conclusão do ato de descarga pulsional. Por exemplo, no ato de olhar, com a pulsão escotoptófica, teríamos a posse da capacidade de mirar, tempo *in posse*, o transcórre do ato de olhar, “olhando” no tempo *in fieri*, seguido da conclusão do ato, manifestando o tempo *in esse* com a construção linguística “olhei”.

Cabe ressaltar que durante essa correlação tomamos o cuidado de diferenciar o ato linguístico de atualização dos demais tipos de atos estudados pela psicanálise, como por exemplo o ato motor, o ato falho, o ato sintomático e o ato de fala. Essa ressalva é importante por manter a divisão trinitária do aparelho psíquico nos moldes definidos por Freud, a saber, Inconsciente, Pré-consciente e Consciente.

Pensamos que com o advento da linguagem os diversos tipos de atos estudados em psicanálise configuram-se em atos simbólicos decorrentes de inúmeras soluções de compromisso entre as qualidades das diferentes instâncias. Todavia, os atos que compõem a atualização do sistema potencial de língua na mente configuram-se como um ato que tem como diferencial o agregamento das representações palavra e a configuração das significações, estas atreladas à pulsão, pelas regras gramaticais. Dessa maneira, além do cuidado em não confundir os limites epistemológicos resguardamos a divisão tópica proposta por Freud. Bem como as diferenciações qualitativas entre as representações coisa, as quais fundamentam-se em traços imagéticos, e as representações palavra, que por sua vez apoiam-se em traços sonoros.

Conforme observamos, Gustave Guillaume associa cada um dos tempos cronotéticos com um modo verbal. Haja vista que a cronogênese evidencia o processo de temporalização da língua na mente é “natural” concluir que o subsistema do verbo, responsável por representar a vivência cotidiana do tempo, associe-se às etapas do processo de formação das imagens do tempo na virtualidade do psiquismo.

O tempo *in posse* corresponde ao modo quase nominal, o tempo *in fieri* ao modo subjuntivo, enquanto que o tempo *in esse* corresponde ao modo indicativo. Isso nos aproximou da resposta para a pergunta inicialmente levantada por nós: É possível afirmar que o verbo é o representante da pulsão no sistema de fala? Ao nos determos às vivências cotidianas da passagem do tempo representadas pelos modos verbais, constatamos que cada um destes lançava uma luz específica aos componentes da pulsão.

A vivência temporal representada por asserções que se utilizam de formas no modo quase nominal expressa a sensação do falante em ser pervadido por fatos e atos que vem em sua direção. Ressaltamos que esse algo que vem ao seu encontro não provém apenas de fora, mas também se apresenta na mente como um estímulo endógeno constante. Na metáfora de Dostoievski refere-se à “condição de ser um Karamazov”. A pressão constante cuja fonte se inerva no polo biológico do soma. A reflexão de Aliócha acerca da efetividade do domínio

exercido pelo espírito divino, nos remete ao apoio da pulsão nas funções de auto-conservação desenvolvidas ao longo da história filogenética e que somente depois foram atreladas à língua e à cultura.

O aspirante à santo sente na própria carne a exigência pulsional por satisfação e com assombro percebe o impacto dessa força telúrica na constituição pática de seus irmãos. Os impactos causados pela atualização do potencial pulsional em palavras e atos, constantemente realimentando o impulso em direção à *hybris* e a um destino trágico. Esta pressão dionisíaca eliciada pelo traço mnêmico inconsciente, este por sua vez associado à fonte pulsional, foi configurada pela meta pulsional.

Constatamos que as particularidades da meta pulsional se destacam quando abordamos o funcionamento pulsional sob a ótica da vivência expressa pelo modo subjuntivo. Como vimos, à esse modo concernem as ficções e hipóteses levantadas pelo eu acerca dos atos que podem ser atualizados. O devaneio eliciado pela produção dessas conjecturas no *setting* psicanalítico, durante a associação livre, permite ao analista interpretar a maneira com que a meta pulsional foi configurada ao longo da estruturação psíquica da pessoa.

A meta pode ser comparada a uma malha imagética carregada energeticamente na qual estão suspensas as representações dos objetos que podem viabilizar a satisfação pulsional. Dado as características do processamento primário e o falseamento provocado pela linguagem e pela censura acreditamos, com Freud, que a melhor forma de conhecermos os papéis assumidos pelos objetos na meta é observarmos a atualização do potencial em ato.

Conforme vimos, a vivência expressa pelo modo indicativo representa um acréscimo no nível de certeza quando comparado às certezas propostas pelo modo fictivo-hipotético. Este acréscimo se deve à constatação da atualização do potencial no presente do indicativo. Ou seja, devido ao ato realizado pode-se inferir com maior nível de certeza o passado e o futuro. Em seu trabalho clínico Freud assumia como ponto de apoio para suas construções a atualização em ato no modo indicativo durante as sessões.

No amor transferencial de Aliócha por Zósima averiguamos que o papel de objeto da pulsão assumido por esse santo homem se deve à configuração edipiana infantil do Karamazov. A lembrança encobridora da mãe durante um fervoroso momento de prece refletiu no psiquismo do jovem Karamazov como sendo a sua inserção na genealogia dos patriarcas. O movimento feito por sua mãe de entregá-lo à imagem da Santa Mãe é análogo ao

direcionamento da pulsão do menino rumo ao ideal de se tornar um seminarista e quem sabe, posteriormente, se tornar um santo. Esta lembrança, que poderia ter surgido durante uma associação livre, evidencia a configuração pática do jovem e a concomitante ordenação da meta pulsional e a eleição de representantes do divino como objeto de sua pulsão sexual.

Dessa forma, observou-se um deslocamento entre as representações da mãe, para os patriarcas, condensados na figura de Jesus e na de Zósima. Em outras palavras, o investimento libidinal na figura do *Stáriets* se expressa pela visada que direciona a atualização dos atos linguísticos e sintomáticos.

Com tudo isso se pode afirmar que as etapas da cronogênese representam a descarga pulsional e que o eixo cronotético do tempo *in posse* evidencia os componentes pulsionais fonte e pressão. Por sua vez o tempo *in fiere* destaca as características da meta pulsional, e por fim, o tempo *in esse* destaca as particularidades do objeto da pulsão. Dessa forma chega-se à conclusão que o sistema de modos verbais é o representante da pulsão no sistema de fala.

REFERÊNCIAS CITADAS

- Austin, J.L. (1990). Quando dizer é fazer. Porto Alegre. Artes Médicas.
- Anzieu, D. (1989). A autoanálise de Freud e a descoberta da psicanálise. Porto Alegre, RS. Artes Médicas.
- Aristóteles. (1999). Poética. Coleção “Os pensadores”. Tradução Baby Abrão. 2. ed. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda.
- Bakhtin, M. (2005). Problemas da poética de Dostoievski. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro. Forense Universitária. (BAKHTIN, 2005, p. 59)
- Benveniste, É. (2005). Problemas de linguística geral I: tradução de Maria da Gloria Novak e Maria Luisa Neri: revisão do prof. Isaac Nicolau Salum – 5 edição – Campinas, SP Pontes Editores.
- Cabrera, J. (2003). Margens das filosofias da linguagem: conflitos e aproximações entre analíticas, hermenêuticas, fenomenologias e metacríticas da linguagem. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília.
- Cartwright, D.E. (2005). Historical Dictionary of Schopenhauer's Philosophy. Lanham, Maryland, Toronto. Scarecrow Press, Inc.
- Dostoievski, F. (2001). Os Irmãos Karamazov. Introdução de Otto Maria Carpeaux; tradução de Natália Nunes e Oscar Mendes – Rio de Janeiro: Ediouro.
- Ferenczi, S.(1933). Confusão de língua entre adultos e a criança. Obras Completas IV. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- Freud, S. (1900). A Interpretação dos sonhos. Edição standard brasileira das obras, vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____ (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Edição standard brasileira das obras, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____ (1908). Escritores criativos e devaneio. Edição standard brasileira das obras, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1909). Notas sobre um caso de neurose obsessiva: O homem dos ratos. Edição standard brasileira das obras, vol X. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1912). A Dinâmica da Transferência. Edição standard brasileira das obras, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1913). Totem e Tabu. Edição standard brasileira das obras, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1914). À guisa de introdução ao narcisismo. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, vol. I. Rio de Janeiro, 2007.

_____ (1915). As pulsões e seus destinos. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, vol. I. Rio de Janeiro, 2007.

_____ (1915). O recalque. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____ (1915). O inconsciente. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____ (1915). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Edição standard brasileira das obras, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1918). História de uma neurose infantil. Edição standard brasileira das obras, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1923). O Eu e o Id. Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 2007.

_____ (1930). O mal estar na civilização. Edição standard brasileira das obras, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ (1938). Esboço de Psicanálise. Edição standard brasileira das obras, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

Green, A. (1988). Narcisismo de vida, narcisismo de morte. São Paulo: Escuta.

Guillaume, G. (1945) L'Architectonique du Temps dans les Langues Classiques, Copenhagen, Einar Munksessaard, 1945.

_____. (1965). *Temps et Verbe- Théories des Aspects, des Modes et des Temps, Avant-propos de Roch Valin*, Paris, Librairie Honoré Champion Editeur.

_____. (1984). *Foudantions for a Science of Language*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins.

Hanns, L.A. (1999). *A teoria pulsional na clinica de Freud*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Hirtle, W. (2007). *Language in the mind: A introduction to Guillaume's Theory*. Quebec, Canada: McGill-Queen's University Press.

Houaiss. (2001). *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: objetiva.

Hugo, V.(1964). *La legende dès Siècles avec avant-propos et notes par André Dumas*; Éditions Garnier Frères 6, Rue de Saints-Pères, Paris; Éditions Garnier Paris.

Jakobson, R. (1971). *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix.

Kant, I. (1994). *Crítica da Razão Pura*. Trad. Manuela P. Dos Santos e Alexandre F. Morujão. Lisboa: Calouste Gulbenkian. 3ª Ed.

Kierkegaard, S. (2006). *O Desespero Humano: tradução Alex Marins*. São Paulo, SP Editora Martin Claret.

Jones, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. vol. 2. Rio de Janeiro: Imago.

Laplanche, J. (1985). *Vida e morte em psicanálise*. Trad. De Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre, Artes Médicas.

_____. (1988). *Teoria da Sedução Generalizada e outros ensaios*. Trad. De Doris Vasconcellos. Porto Alegre, Artes Médicas.

_____. (2007). *Sexualité et attachment dans la métapsychologie*, in *Sexual*, Paris: PUF,

Laplanche, J. & Pontalis, J.B. (1983). *Vocabulário de Psicanálise*. 7. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Mahony, P.J. (1991). *Freud e o homem dos ratos*. Trad. Elisabeth Saporiti e Maria da Penha Cataldi. São Paulo: Escuta.

Nietzsche, F. (2007). O Nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo. Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. – São Paulo: Companhia das Letras.

Peirce, C.S.(1980). Escritos coligidos. Coleção “Os pensadores” 2. ed. Sao paulo: Abril Cultural.

Saussure, F. (2006). Curso de Linguística Geral, São Paulo, Cultrix.

Solomon, R. C. & Higgins, K. M. (1988). Reading Nietzsche. New York, Oxford University Press.

Souza, P.C. (2010). As palavras de Freud: o vocabulário de Freud e suas versões. São Paulo, Segunda Edição: Companhia das Letras.

Szondi, L. (1975). Introdução a psicologia do destino: Liberdade e compulsão no destino do homem(na escolha da profissão, amigos, esposa, doenças). Traduzido por J. A. C. Müller. São Paulo: Manole.

Rorty, R. (1967). The linguistic turn: Recent essays in philosophical method. Chicago: Univ Chicago Press.

Wittgenstein, L. (1992) O Livro azul. Lisboa: Ed 70.

_____. (1999) Investigações filosóficas. São Paulo: Nova Cultural.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

- Berenstein, I. (1978). *Psicoanálisis y Semiótica de Los Sueños*, Buenos Aires, Editorial Paidós.
- Bosi, A. (2006). *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43ª ed. São Paulo: Cultrix.
- Catunda Martins, Francisco. (2013). *Ensaio acerca dos sintomas simbólicos: da cabrita desvalida ao senhor do mundo, e um pouco de todos nós*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Dubois, J. & Edeline, F & Klinkenberg, J.M. & Minguet, P. & Pire, F & Trinon, H. (1974). *Retórica Geral*, São Paulo, Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo.
- Dubois, J. & Giacomo, M & Guespin, L & Marcellesi, C & Marcellesi, J-B & Mevel J-P. (19) *Dicionário de Linguística*, São Paulo, Cultrix.
- Espírito Santo, L. (1997). *Linguagem e ação: Freud e o Homem dos Ratos*. Dissertação de Mestrado. Brasília – DF, Brasil. Universidade de Brasília,
- Freud, S. (1908). *Caráter e erotismo anal*. Edição standard brasileira das obras, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- _____ (1913). *Disposição à neurose obsessiva: Uma contribuição ao problema da escolha da neurose*. Edição standard brasileira das obras, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Goldschmidt, V. (2010). *Os diálogos de Platão: estrutura e método dialético*. Tradução Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola.
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta.
- Jakobson, R. (1993). *On Language*. Cambridge, Ma, and London: Harvard University Press.
- Lacan, J. (1978) *Escritos, A Instância da Letra no Inconsciente*, São Paulo, Editora Nova Perspectiva.
- _____. (1999) *O seminário Livro 5: As formações do Inconsciente*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- Laplanche, J.. (2007). *Sexualité et attachment dans la métapsychologie*, in *Sexual*, Paris: PUF,

Logos. (1989). Logos: enciclopédia luso-brasileira de filosofia. Lisboa/ São Paulo: Editorial Verbo.

Luft, C. (1973). Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira. Porto Alegre: Globo.

Martins, F. (2005). Psicopathologia I: Prolegômenos. Belo Horizonte: Editora PUC MINAS.

Platão. (2004). Apologia de Sócrates e banquete. Tradução Jean Melville. São Paulo: Martin Claret.

Roudge, A. (1998). Pulsão e Linguagem: Esboço de uma concepção psicanalítica do ato. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro.